

LUCAS MARTINS SOLDERA

RAÍZES DA VERGONHA:

um estudo psicossociológico sobre a vivência de *trecheiros*

**Assis
2011**

LUCAS MARTINS SOLDERA

RAÍZES DA VERGONHA:

um estudo psicossociológico sobre a vivência de *trecheiros*

Dissertação apresentada à Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP – Universidade Estadual Paulista para obtenção do título de Mestre em Psicologia (Área de Conhecimento: Psicologia e Sociedade).

Orientador: Prof. Dr. Francisco Hashimoto

**Assis
2011**

LUCAS MARTINS SOLDERA

RAÍZES DA VERGONHA: um estudo psicossociológico sobre a
vivência de "trecheiros"


Dissertação apresentada à Faculdade de
Ciências e Letras – UNESP para a
obtenção do título de Mestre em
Psicologia (Área de Conhecimento:
Psicologia e Sociedade)

Data da Aprovação: 22/06/2011

COMISSÃO EXAMINADORA



Presidente: PROF. DR. FRANCISCO HASHIMOTO - UNESP/Assis



Membros: PROFA. DRA. THASSIA EMIDIO DE CASTRO - FIO/Ourinhos



PROFA. DRA. ANA MARIA RODRIGUES DE CARVALHO - UNESP/Assis

À Francisco Hashimoto.

Agradeço,

primeiramente a quem dedico este trabalho, Francisco Hashimoto (Chico) por, simplesmente, tudo. Por aceitar um jovem “des-orientado” que tinha apesar de um conhecimento vago sobre pesquisa, muita vontade. Por me deixar entrar na sua vida e na vida de sua família. Muito obrigado, meu amigo.

Aos meus pais (Clóvis e Lúcia) por serem para mim exemplos de homem e mulher, agradeço-os por sempre estarem ao meu lado. Obrigado pela eterna confiança e por muitas vezes reduzirem o toar do andar para que eu pudesse caminhar mais rápido.

À família Hashimoto: Nô (sempre presente), Rafa (meu irmão), Aninha e Taís (que apesar da distância sempre tiveram sua presença marcante). Obrigado por me proporcionarem um porto seguro longe do meu porto seguro e pela sempre disponibilidade em me acolher. Perdão se um dia fui desagradável ou se me intrometi demais.

Aos meus amigos, que fizeram da simples Assis-SP o melhor lugar para se cursar uma faculdade e desenvolver um trabalho de mestrado. Fiquei um pouco receoso em relacionar uma lista com todos os nomes, talvez, por causa de um esquecimento que fosse injusto, ou não, deixando alguém de fora. Por isso, escolhi um nome comum a todos para representá-los e quem conheceu essa pessoa maravilhosa ficará lisonjeado em ser representado por ele: Gui, meu “brou”, valeu.

À Luizinha, pelas cobranças na hora de trabalhar, pelo carinho, pelo companheirismo, pela suavidade com que nos trata e pelo caminho aberto em meu horizonte.

À minha banca (Thássia e Ana) pela disponibilidade, preocupação e contribuições para o meu processo de amadurecimento e formação. Obrigado por aceitarem meu convite e pela leitura competente.

À todos *trecheiros*, por dividirem comigo partes reais de cada um, tornando assim este trabalho digno da nobreza da história de vocês. Aos funcionários do C.A.M. pela atenção e auxílio.

À sessão de Pós-graduação da Faculdade de Ciências e Letras UNESP/Assis-SP, pelo auxílio e por facilitarem meu percurso até aqui.

Enfim, a todos que contribuíram de forma direta e/ou indireta, objetiva e/ou subjetiva para a realização deste trabalho.

“Eu sei muito pouco, mas tenho a meu favor tudo que não sei.”

Clarice Lispector

SOLDERA, L.M. **Raízes da vergonha:** um estudo psicossociológico sobre a vivência de trecheiros. 2011. 94 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2011.

RESUMO

Neste trabalho visou-se identificar se há presença do sentimento da vergonha em “trecheiros” (nômades) no mundo contemporâneo e quais significados são construídos na vida dessas pessoas. Tal compreensão foi efetuada a partir do questionamento sobre o sujeito, a sua história, sua relação com o grupo e com a sociedade. Em tal perspectiva visou realizar uma análise, considerando as articulações entre o social e o psiquismo, a questão dos sujeitos nas ciências humanas e sociais. Assim, definiu-se como objetivo geral: compreender as múltiplas facetas da vergonha na vivência de “trecheiros” e os significados dessa condição no mundo contemporâneo. Isso levou a estudos sobre as características da vergonha e os diferentes tipos desse sentimento que aparecem nos trecheiros. A pesquisa se fundamentou na abordagem psicossociológica e o material de estudo foi constituído por relatos de oitos “trecheiros” que fazem uso dos serviços do C.A.M. (Centro Atendimento ao Migrante) de Assis – SP. Os dados foram obtidos por meio de entrevistas semi-dirigidas, com duração variável. Com o desenvolvimento desse trabalho, buscou-se contribuir para a compreensão do sentimento da vergonha e de como ela interfere na vida das pessoas, tentando compreender o sujeito sobre si mesmo e no meio social em que faz parte, e deste modo, colaborar com estudos e reflexões acerca da vivência do indivíduo no contexto atual.

Palavras chave: Vergonha, Psicanálise, Psicologia Social, Nômades.

SOLDERA, L.M. **Roots of shame:** a psychosociological study over the experience of life of “trecheiros”. 2011. 94 f. Dissertation (Master) - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2011.

ABSTRACT

On this research it was intended to identify the feeling of shame among “trecheiros” (nomads) in the contemporary world and which meanings are built on those people’s lives. Such comprehension was achieved by questioning the subjects, their histories, their relationship with groups and society. In this perspective an analysis was made, considering the articulations between the social sphere and psychism, the query of subjects in social sciences. Therefore, a general objective was outlined: to understand the multiple facets of shame in the lives of the “trecheiros”, and also the meanings of this condition in the contemporary world. This understanding led the study to the characteristics of shame and the different types of this feeling, which appear on the “trecheiros”. The research was based on a psychosociological approach and the material was composed of narration of eight “trecheiros” who use the services of the C.A.M. (*Centro Atendimento ao Migrante* - Migrant Care Center), in Assis, state of São Paulo. Data was obtained through semi-structured qualitative interviews, which had unfixed length of time. This research has sought contribution to the understanding of the feeling of shame and how it interferes on people’s lives, trying to comprehend the subjects over themselves and the milieu to which they belong, and by doing so, the contribution to the studies and reflection over the experience of life of individuals in the current context.

Key words: Shame, Psychoanalysis, Social Psychology, Nomads.

SUMÁRIO

Primeiras palavras	10
Introdução	12
Capítulo 1	
A Pesquisa	26
Capítulo 2	
Desvelando as vivências de trecheiros na contemporaneidade	32
Capítulo 3	
Raízes do Sentimento da Vergonha	54
Características comuns do sentimento de vergonha	63
Os diferentes tipos de vergonha	72
Considerações Finais	83
Referências	89
Anexos	92

*Tudo bem, até pode ser
que os dragões sejam moinhos de vento.*

Humberto Gessinger

PRIMEIRAS PALAVRAS

Com o desenvolvimento deste trabalho, foi possível verificar vários aspectos e contribuições que considero importantes, para uma melhor compreensão do tema abordado.

Este texto representa a continuação de uma pesquisa de Iniciação Científica realizada na graduação – também financiada pelo CNPq – que me acompanha desde meu segundo ano de faculdade. Tal pesquisa consistia em compreender os sentidos da vergonha em pessoas que passaram pelo processo de perdas materiais (falência), e foi exatamente nesse período que eu me deparei com o tema da vergonha, em um livro de Vincent de Gaulejac (2006), chamado *As Origens da Vergonha*. No decorrer da leitura do livro, encontrei um “comic”, um desenho em “quadrinho”, que apresentava a dificuldade, o sofrimento psíquico de um “mendigo” no ato de estender a mão para pedir.

Outro texto com que tive contato foi o de Maria Rita Kehl (2003), no livro *O homem máquina*, que apresenta a surpresa da autora quando fora abordada por um “mendigo” perguntando-lhe as horas, ao invés de lhe pedir dinheiro e/ou comida.

Sobre a escolha de minha temática, a questão da vergonha me chama a atenção por ser, em determinados momentos, uma pessoa acanhada. Já a escolha pelos trecheiros é um público que representa uma das minorias sociais de nosso país, as quais vêm perdendo cada vez mais seus espaços diante do contexto social por diversos motivos, dentre os quais a questão das políticas públicas, aspecto abordado dentro do trabalho. Meu propósito foi de contribuir para o estudo de um sentimento que é difícil de ser trabalhado e para a compreensão de um público cada vez mais levado a “calar-se”.

Dessa forma, pesquisar o tema me possibilitou entrar em contato com duas temáticas e um novo mundo, os quais vieram contribuir de uma forma intensa (tanto concreta, como subjetiva) para minha formação intelectual e pessoal, ao mesmo tempo.

Com o amadurecimento das ideias surgiu, a possibilidade de entender se existe mesmo vergonha em “mendigos” – e quais os significados que eles vão construindo, em suas vivências.

Assim, cabe uma observação: no início da pesquisa, utilizava o conceito de “mendigo”; somente depois do levantamento bibliográfico é que passei a adotar o termo correto, *trecheiro*.

Na fase de campo, descobri que nosso público-alvo se autodenomina *trecheiros*, ou seja, aquelas pessoas que percorrem o trecho, andam pelas BRs (rodovias) e entram nas cidades para pedirem alguma ajuda. Diferentemente dos “mendigos” ou “pardais”, que são aquele que não saem de dentro da cidade, vivem ali acomodados e necessitam do outro para sobreviver e cuidar dos mesmos, são os “loucos”. Para completar o quadro, existem também os andarilhos, que são aqueles que vivem somente percorrendo as BRs e que não entram em contato com o ambiente urbano.

As entrevistas, o contato com o trabalho de campo foi muito enriquecedor no sentido pessoal e de amadurecimento de minhas ideias (pré-conceitos) sobre os *trecheiros*, necessário para o desenvolvimento do trabalho.

O fato de chegar até essas pessoas e poder ouvir suas histórias numa posição de igualdade foi, para mim, muito gratificante. Acredito que para elas também, porque pude perceber como se entregavam à nossa “conversa”, como elas queriam ter voz numa sociedade que as exclui, ter pelo menos alguém para contar suas histórias de vida e mostrar que são igualmente seres humanos.

Espero que o texto possa traduzir tudo aquilo que passei nesse tempo de conquistas e abdições.

*O pesquisador deve se inscrever nesse
movimento dialético entre o sujeito
e o objeto da pesquisa.*

Vincent de Gaulejac

INTRODUÇÃO

Este trabalho visa auxiliar na compreensão do significado da vergonha, na vida das pessoas no mundo contemporâneo, voltando seu olhar para um público desprivilegiado denominado aqui de *trecheiros*. Esse contemporâneo é caracterizado pelo desenvolvimento tecnológico, a mudança da noção de tempo e espaço, o consumismo e o narcisismo, um mundo onde tudo ocorre de forma rápida, em que os valores e a forma de agir nem sequer se consolidam, interferindo, provavelmente, no vínculo de confiança das pessoas com o futuro.

Bauman (2007) utiliza o conceito de *liquidez*, que significa a impossibilidade de manter a forma ou permanecer em seu curso por muito tempo, o que acentua a noção de mudanças rápidas e imprevisíveis na vida precária e incerta das pessoas, para compreender a noção de contemporâneo.

Em tal liquidez, não encontramos apego – os laços são frouxos – sempre um modo de vida supera o outro, mas, para que isso aconteça, uma outra terceira deve deixar de existir, tal como Bauman (2007, p. 10) mostra: uma sociedade predatória, “[...] de valores voláteis, descuidada do futuro, egoísta e hedonista”. Uma sociedade voltada para o consumo e para o presente, onde a velocidade é mais importante que a duração: “[...] com a velocidade certa, pode-se consumir toda a eternidade do presente”; a questão aqui é ajustar a eternidade a uma existência individual.

O autor alerta: “[...] na vida líquida a distinção entre consumidores e objeto de consumo é, com muita frequência, momentânea e efêmera, e sempre condicional” (BAUMAN, 2007, p. 18).

Nesse sentido, a única característica que define a função de um objeto é se ele está apto para o consumo, entretanto, ao ser consumido, logo perderá seus atrativos, seu valor, pois basta ser usado para se tornar impróprio ao consumo, de modo que o lixo é o principal produto dessa sociedade.

Nesse mundo fluido e consumista, abordamos outra questão, a pobreza, geralmente relacionada à distribuição de riqueza e renda, bem como o acesso ao emprego remunerado. Outras preocupações emergem, como o sentimento de compaixão social que envolve uma classe menos privilegiada monetariamente, denominada aqui de pobres, além de questões como a segurança da ordem social, conforme aponta o autor:

[...] quanto mais destituídos e desumanizados os pobres do mundo e da próxima esquina são mostrados e vistos, melhor desempenham esse papel no drama que não escreveram e para o qual não se candidataram. (BAUMAN, 2008, p. 150).

Os pobres, em alguns momentos, ficam em “foco”, mesmo sem o desejo de estar. O autor salienta ainda que essa classe está livre das incertezas capitalistas e, por isso, é aquilo que todos os demais (*não-pobres*) gostariam de ser – contudo, não se arriscam a fazê-lo. Essa visão acerca dos pobres mantém os não-pobres vigiados e obedientes, perpetuando a vida na incerteza, o que leva a uma maior tolerância à flexibilização mundial e à crescente precariedade dessa condição.

Vivemos em uma sociedade onde cada vez mais a produção, como processo produtivo de bens e serviços, é valorizada, a partir da exploração de mão-de-obra, de sorte que o trabalho é entendido não só como um modo de transformar a natureza para a existência humana, mas também como forma de estabelecimento de relações e subjetividade que ainda confere certo *status* social – confirmando o ditado popular: “O trabalho dignifica o homem”.

Nessa conjuntura traçada, o indivíduo fica desprovido desse papel “dignificador” dado pelo trabalho, sendo visto pela sociedade como inútil, uma figura que é mais cômodo não observar, apesar de sua evidência por “ser pobre”.

Conhecemos bem a divisão de classes e de trabalho em nosso país; embora saibamos que nem todos pobres ocupam essa posição que estamos traçando, não é intuito deste trabalho entrar nesse tipo de discussão.

Essa figura ganha corpo, em nossa pesquisa, com aqueles sujeitos que chamaremos aqui de *trecheiros*, assim definidos por Nascimento (2008):

Trecheiros são indivíduos que perambulam pelas rodovias a pé, de cidade em cidade, sobrevivendo de trabalhos temporários e de eventuais ajudas filantrópicas. Diferenciam-se dos andarilhos de estrada que, embora perambulem também a pé pelas rodovias, não adentram as cidades e nem recorrem a ajudas filantrópicas, pois romperam definitivamente com os modos de vida sociais. Desse modo, os trecheiros são indivíduos que se encontram num limiar de transição, pois, à medida que passam os anos, a falta de perspectivas futuras em relação a trabalho e emprego fixos se acentua e a tendência é se tornarem andarilhos de estrada devido às condições miseráveis em que vivem. (p.23).

São nômades que percorrem (caminhando, de ônibus, de carona etc.) as estradas. Não possuem casa, entram na zona urbana para pedir auxílio, na forma de comida e/ou dinheiro, ou seja, sobrevivem da generosidade alheia para posteriormente continuar sua jornada.

Passamos por um momento economicamente delicado, no qual o simples ecoar da palavra *crise* nos deixa inquietos e, por que não, apavorados... A eminente possibilidade de perda do emprego, que tal conjuntura pode ocasionar, aumenta a insegurança de como manteremos nosso *status*, de como continuaremos seguindo as regras do capitalismo.

Aqui, a *descartabilidade* não está restrita somente aos objetos: os homens também se tornaram alvo desse conceito. O desemprego exemplifica essa passagem, constituindo o primeiro passo para a mendicância, o crime, a informalidade, dentre outros problemas, em decorrência da falta de esperança após procuras mal-sucedidas, aspecto característico de nossa sociedade atual.

Isso, por sua vez, nos remete aos componentes incertos que a classe *não-pobre* detém, e passamos a viver a certeza dos destituídos. Essa é a causa de nosso desespero, perante as crises econômicas e financeiras.

No mundo contemporâneo, a imagem tornou-se o centro da atenção. As grandes referências tradicionais que fundamentam as questões do coletivo deram lugar ao individualismo, ao passo que o mérito pessoal é gerenciado pela produção de capital, independentemente de como se consiga isso, e não mais pelas qualidades morais de cada um.

A estima não é vista pela virtude, mas pelo poder econômico – dinheiro, situação profissional, reconhecimento da mídia.

O sujeito, arrastado ao sabor de valores múltiplos e contraditórios, deve reconstruir seus ideais, inventar para si uma moralidade para encontrar os padrões de medida da auto-estima. Cada um se vira com sua própria vergonha frente à multiplicidade e à mobilidade dos referentes coletivos que podem embasar o reconhecimento social. (GAULEJAC, 2006, p. 234).

As diferentes culturas e ideologias produzem uma diversidade de normas sociais, o que pode proporcionar uma maior liberdade para as pessoas, mas pode fragilizar os indivíduos. Assim, a flexibilidade das normas sociais pode levar o sujeito a fixar em si seus próprios princípios e limites.

Nesse contexto ágil de mudanças rápidas, em que não é possível consolidar algo, surge nossa necessidade de compreender um sentimento que pode permear as relações nessa *vida líquida*: a vergonha.

Segundo Calligaris (2006), a vergonha enquadra-se como um regulador social, o qual alude a uma determinada conduta moral do indivíduo e é nesse contexto que a integridade do *self* pode ser atingida, pois tal sentimento se refere à união do medo do julgamento do olhar do outro com a própria depreciação, além de caminhar juntamente com o narcisismo. Por olhar do outro entendemos suposições do próprio sujeito, as quais podem ser reais ou imaginárias, de um indivíduo ou de um coletivo, dependentes da valorização que atribuímos a esse outro.

Desse modo, determinada situação torna-se insuportável para o sujeito que tem vontade de não estar presente ali, confirmando o que expusemos anteriormente, a vergonha como um regulador das experiências interpessoais e intrapessoais.

Com base em tais afirmativas, o sentimento retratado aqui está sempre presente na subjetividade de cada um. Entretanto, como ele aparece na vida das pessoas na atualidade? Que repercussões provoca no indivíduo? Qual o seu significado?

Essas e outras questões ecoaram e buscaram sentido no desenvolvimento deste trabalho. Por conseguinte, nossa temática constituiu-se da compreensão das múltiplas facetas da vergonha no mundo contemporâneo, a partir de um público-alvo específico, os trecheiros.

No levantamento bibliográfico sobre a temática do sentimento da vergonha, encontramos autores de diferentes formações, como sociólogos, antropólogos, psicólogos, psiquiatras, entre outros, que desenvolvem estudos sobre o assunto.

Inicialmente, apresentamos o autor mais relevante para nosso trabalho, aquele que embasa cientificamente a pesquisa, uma vez que utilizamos a Psicossociologia como referencial, cuja produção nos despertou o interesse para a realização desta investigação.

Gaulejac (2006) aponta, a partir do relato de sujeitos, obtido em seu grupo de pesquisa durante aproximadamente vinte anos, a reação das pessoas frente a tal sentimento:

A vergonha é um sentimento doloroso e sensível sobre o qual é preferível não falar. Ele engendra o silêncio, o fechamento em si até a inibição. [...] A vergonha é um sentimento social e psíquico particularmente doloroso. (p. 17-18).

Esse sentimento incita o desconforto, por isso é desagradável falar sobre ele. Assim, tocar nesse aspecto provoca um silêncio não só pelo incômodo da fala, mas também pela dificuldade de tê-lo. Essa condição leva o indivíduo a isolar-se em si próprio, provocando-lhe impotência e perda da confiança. Isso se deve ao fato de a vergonha e o narcisismo estarem intimamente ligados.

Dentre outros assuntos, o autor ainda levanta diversas características em comuns e diferentes tipos de vergonha, às quais nos referiremos posteriormente, no capítulo destinado a esse sentimento.

Kehl (2003) assevera que nosso corpo é reflexo do meio em que vivemos, do grupo de que fazemos parte e da cultura que dividimos. É, assim, uma imagem atribuída de significados pelos outros, a qual está suscetível a interpretações e a julgamentos que podem ou não nos gerar marcas. Estas últimas podem se unir a alguns significados internos e virem a se constituir uma forma de vergonha.

Já Carreteiro (2003), em *Sofrimentos sociais em debate*, coloca a vergonha ao lado da humilhação e da falta de reconhecimento, apontando-os como sofrimentos sociais, os quais não têm visibilidade social. Isso se inscreve no interior da subjetividade e não é compartilhado no coletivo, sendo considerado como uma violência simbólica. A autora propõe dois meios para se lidar com esses sentimentos que desqualificam o sujeito.

O primeiro deles é o “reativo”, que leva em consideração a construção dos processos de revolta, chamada pela autora de “lógica da virilidade”, a qual visa a uma maneira de restaurar a imagem narcísica ferida.

O segundo deles é o “silenciado”, onde não há reação explícita. Aqui, o sentimento de invalidez foi interiorizado e o sujeito se resigna à vergonha sentida, reproduzindo sua própria invalidação no social; nesse caso, a vergonha suscita um sentimento de depreciação.

Podemos identificar a vergonha como decorrência de um acontecimento passado que ficou marcado na pessoa, por algum motivo próprio, o qual a expõe. Um sofrimento social

que fica guardado no interior mais remoto da pessoa, causa de desconforto, ao ser trabalhado ou mesmo mencionado.

Verztman (2005) ressalta que o estudo da vergonha pode ser um “caminho inestimável para a compreensão da regulação da imagem de si no meio social, num momento histórico em que esta imagem é moldada cada vez mais por atributos físicos, de performance e por adereços acessórios.” O que desperta a vergonha e causa uma ameaça à identidade e às relações é uma postura diferente que o sujeito persegue, a fim de assumir outro papel perante o grupo.

Ao fazê-lo, essa experiência pode se tornar penosa, uma vez que a inibição, ou seja, o sentimento de impotência frente ao grupo, pode causar a desintegração narcísica. Nesse processo, a companhia da vergonha se dá devido à falha em face de um ideal próprio, onde a imagem de si é desvalorizada e seus defeitos são expostos.

Já Mautner (2003) faz um paralelo entre vergonha e culpa, conceitos diferentes que se assemelham por constituírem instâncias psíquicas de resposta a erros.

Para a autora, sentir culpa é mais fácil do que sentir vergonha, porque a primeira denota uma pressuposição de conhecimento da causa do erro e isso provoca culpa em si. Esse erro conhecido pode ser perdoado, possibilitando o desaparecimento da culpa.

Já a vergonha refere-se à incapacidade da própria pessoa, que está ligada à autoestima. Quando nos envergonhamos, o olhar do outro somado ao nosso desprezo próprio torna viver o momento insuportável. “Todos existem, todos estão ali, mas o envergonhado gostaria de desaparecer para que a falha que o envergonha não seja percebida” (MAUTNER, 2003, p. 227).

Com isso, a autora afirma que não há absolvição para esse sentimento, ao contrário da culpa. É um sentimento paralisante, inesperado, em que a culpa não é de ninguém.

Ela enfatiza que a vergonha é pior que a culpa, pois não há como ocultá-la. Só conseguimos nos livrar dela aceitando-nos com nossos próprios defeitos – aceitar-nos, sem esconder nossas falhas. Isso coloca a vergonha e o narcisismo na mesma vertente, já que, quanto maior a vaidade, maior o medo da vergonha.

O que Esperandio (2007) expõe, em seu trabalho – *Narcisismo reativo e experiência religiosa contemporânea: culpa substituída pela vergonha?* – é uma contextualização da atuação religiosa, hoje, na Igreja Universal do Reino de Deus (IURD). Mostra um grande quadro de suas peculiaridades, dentre as quais a técnica do sacrifício, em que o indivíduo busca mudanças em sua subjetividade, visando a alcançar o bem-estar, o fim do sofrimento, a

prosperidade e a riqueza, como fins para sua existência e como sinal da bênção divina, por meio de doações financeiras. Ela coloca a IURD como uma central de ajuda.

Os sofrimentos tratados pela igreja afetam a subjetividade do sujeito, visto estarem relacionados geralmente com o narcisismo; expressam inferioridade, apatia, medo de arriscar, destacando-se o fato de que todas essas sensações podem ser colocadas ao abrigo da vergonha.

A vergonha por sua vez, relaciona-se com o funcionamento egoico e pode ser uma das expressões mais profundas do “narcisismo reativo”. As forças reativas de narcisação são concebidas, aqui, como aquelas que buscam apenas a adaptação e a conservação da vida. Configuram um modo de subjetivação no qual o sujeito é o ponto de partida e chegada do cuidado de si.

O modo como cada indivíduo vê o mundo social traça fronteiras referentes às responsabilidades de cada um – legitimidade dada ao sujeito pelo social –, responsabilizando-o pelo que quer fazer, liberando-o da culpa por voltar-se a si mesmo. No entanto, a liberdade alcançada desvincula-se do outro, cobrando seu preço: a vergonha. Enfim, as forças reativas de narcisação triunfam.

Considerando a questão da religião, mais especificamente a IURD, a autora retrata a vergonha como algo interno ao indivíduo, relacionado diretamente ao narcisismo, enfatizando que a igreja confere subsídios para lidar com essa questão no social. A culpa devido ao pecado é substituída pela vergonha das questões sociais que nos cercam.

A experiência religiosa promovida pela IURD captura o desejo de independência, de autonomia do indivíduo e trabalha, através da tecnologia do sacrifício, o sentimento de vergonha que restringe a subjetividade e a despotencializa. Ao entregar a oferta de sacrifício em dinheiro, o indivíduo lida com sua vergonha, com seu desejo de ser afirmado em sua grandiosidade, em sua potência. (ESPERANDIO, 2007, p. 93).

Assim, essa proposta da igreja pode até melhorar a vida das pessoas, uma vez que a vergonha passa a ser, em parte, substituída pela ousadia, pela arrogância de fazer altas doações em dinheiro, numa espécie de negociação com Deus.

Existem, ainda, outros trabalhos relevantes para a compreensão da temática da vergonha.

O estudo de Freud sobre o tema se restringe à vergonha da sexualidade. Ele é herdeiro de uma cultura que tinha a vergonha como pudor, algo vexatório, ao se ter expostas as regiões

genitais ao olhar alheio. Por tais razões, ele confere um lugar secundário em sua obra ao sentimento em questão, relacionando-o sempre ao caráter sexual.

Já Ferraz (1966) mostra que, mesmo tendo sua conduta em relação ao social preparada antecipadamente, essa forma de se defender falha, quando a situação vivida como vergonhosa remete a um estigma. “O receio de não poder estar à altura da situação faz com que o indivíduo antecipe a vergonha de envergonhar-se” (FERRAZ, 1966). Todos os olhares se voltam para si, conseqüentemente, todos podem perceber seus defeitos, o que é um raciocínio inquietante.

Falta, ao sujeito, senso da valorização do social. Há uma pretensão de se mostrar como não o é, estar sempre aquém ou além do que pretende. Isso causa medo da repercussão de seus atos e até de sua fala.

Esse conjunto de estudos nos leva a refletir sobre esse sentimento, na sociedade atual, denominada de narcísica. O que ocorre com o sentimento da vergonha, nessa sociedade do espetáculo e do exibicionismo?

A seguir, trazemos autores que também trabalham com a Psicologia, assim como nós, mas fazem uso de outras teorias e outros de enfoques em seus trabalhos que não são os mesmos que em nossa pesquisa.

De La Taille (2002a) alude ao relacionamento intrínseco entre o sentimento da vergonha e a moralidade como um dos aspectos do mundo interno, sublinhando a complexidade desse tipo de estudo. Destaca que é natural procurarmos a aprovação do outro, ficarmos felizes quando conseguimos e infelizes, quando não. A vergonha aparece até quando passamos a questionar se estamos à altura de tal aprovação. Já a moralidade emerge quando atinge a própria dignidade e o sujeito prefere manter a integridade a sentir vergonha de trair-se. É a capacidade de sentir vergonha que o mantém na fronteira da ética.

O autor considera importante compreender o mundo interno da pessoa, pois o sentimento de vergonha pode emergir em momentos em que ela está sozinha, sem testemunhas:

Fosse a vergonha puramente de origem externa, sentir-se-ia vergonha perante qualquer olhar: Mas não é o caso: sente-se vergonha para certas coisas e frente certas pessoas. E isso porque sentir vergonha não decorre apenas do ser julgado por alguém, mas do julgar-se a si próprio. (DE LA TAILLE, 2002a, p.89).

Ele relata, ainda, que o medo de “[...] decair perante os olhos das pessoas respeitadas” não é o medo de perder esse amor, mas sim o de perder o direito moral de ser amado. Sentir-

se merecedor de desprezo, mesmo sem ser desprezado, “[...] sentir vergonha, mesmo tendo o espelho como única testemunha, eis a ferida moral por excelência” (DE LA TAILLE, 2002a, p. 89).

Em outro trabalho, De La Taille (2002b) afirma que a “[...] vergonha incide sobre este Eu no sentido em que é a qualidade da pessoa que está em foco, quando o referido sentimento é experimentado”. Assevera, ainda, uma relação estabelecida entre moralidade e personalidade, como conjunto de representações de si, campo em que o sentimento de vergonha encontra seu lugar natural.

A vergonha se constitui, portanto, como um sentimento moral sem subestimar outros como a compaixão, a culpa, a simpatia etc. A intenção do autor é demonstrar que a vergonha se relaciona com a moral, e que tal relação é forte, podendo contribuir na explicação de muitas condutas morais e imorais.

Harkot-de-La-Taille (1999), em seu trabalho *Ensaio Semiótico Sobre a Vergonha*, originado de sua Tese de Doutorado, propõe um exame desse sentimento sob a perspectiva da semiótica das paixões, analisando a vergonha a partir de textos literários.

Em “A configuração da vergonha”, a autora apresenta um sujeito dividido internamente e sob juízo alheio. Por um lado, constrói uma imagem virtual de si e, por outro, é obrigado a se reconhecer como não dotado da competência necessária para gozar de tal imagem; além disso, ele elege o olhar do outro como legítimo para julgá-lo.

Para Harkot-de-La-Taille (1999, p. 32), a vergonha pode se estabelecer no choque entre duas configurações passionais: “[...] a da inferioridade, que traduz a relação do sujeito com a imagem que se acreditava capaz de projetar e a da exposição”, relacionado mais ao sujeito e ao social.

A autora enfatiza que a vergonha pode advir do encontro da inferioridade com a exposição. Na inferioridade, são abordados alguns pontos como rebaixamento, humilhação, desonra e indignidade. Já na exposição, são apresentados conceitos como visibilidade e vulnerabilidade.

Em “A construção sintática da vergonha”, Harkot-de-La-Taille (1999) refere-se a dois tipos de vergonha – a retrospectiva e a prospectiva. Aponta ainda a insegurança e a timidez, além de condutas defensivas frente com respeito a esse sentimento, assinalando formas de superá-lo.

Quando considera a questão da *superação da vergonha*, a autora expõe as diversas formas de nos relacionarmos com tal sentimento, das consequências ao assumi-lo, podendo esquecê-lo ou negá-lo, nos afastando dele pelo humor, ou ainda pelas confissões, quando for

possível mostrá-lo. Expõe, também, as consequências ao não assumi-lo, podendo evocar, desse modo, a tristeza, a raiva e uma diferenciação da postura feminina e masculina diante desse sentimento.

Em “A complexa intersubjetividade da vergonha”, a autora focaliza cenas em que a vergonha pode aflorar, tanto por “contágio direto” (vergonha de nossos próprios atos), quanto por “contágio de derivação” (vergonha do outro). Em decorrência, mostra um quadro de situações nas quais podemos sentir vergonha, advindas da evidência, da condição, da impotência, do fracasso e da falta moral, tanto por contágio direto como por derivação.

A mesma Harkot-de-La-Taille (1999), em “A vergonha *sub judice*”, relata que nada está livre do olhar julgador de uma cultura. Aqui, a vergonha está intimamente ligada à moral e a um papel religioso e político.

Por fim, em “A vergonha nos textos: dois exemplos”, a autora nos traz dois textos, um de Clarice Lispector (“Os desastres de Sofia”) e outro de Camus (“La Chute”), nos quais a vergonha é trabalhada pela autora como problemática distinta e precisa, caracterizando a paixão como simulacro existencial das personagens principais.

O trabalho de Harkot-de-La-Taille (1999) oferece, pois, significativas contribuições para a compreensão do significado da vergonha, analisando obras literárias. Aborda ainda as causas e as implicações com que o papel social desse sentimento tão antigo acompanha o homem, em toda sua trajetória. E considera que a vergonha, paixão por definição conflitual, é o sentimento por excelência relacionado ao estabelecimento da função semiótica.

Em *O sentimento da vergonha como regulador moral*, Araújo (1999) sustenta que a vergonha é um sentimento fundamental, tanto para o funcionamento psíquico, como para a compreensão da moralidade humana. Ressalta que esse sentimento é o mais importante, no que tange às relações sociais do homem.

Araújo remete a alguns autores que estudaram a temática, como, por exemplo, Darwin, que foi o primeiro a estudar a vergonha e a levar em conta o lado fisiológico (ficar vermelho) e o lado psicológico (vontade de desaparecer). Já Freud dedicou à vergonha um segundo plano, referindo-a sempre a ela em relação à sexualidade.

Para o autor, culpa e vergonha são forças moralizantes, de sorte que a vergonha não está subordinada à culpa. Esta última é decorrente de infração cometida contra terceiros, que pode ser perdoada. Já a vergonha está relacionada a fracassos, imperfeições, fraquezas do sujeito diante de regras e normas, mas, para que ela tenha conotação moral, é necessário que esteja relacionada a virtudes, como justiça, honestidade, dentre outras integradas aos valores do sujeito, à sua personalidade.

Araújo (1999), assim como Harkot-de-La-Taille (1999), entende que a vergonha se dá no encontro da inferioridade com a exposição, está vinculada com o rebaixamento do *self* e à exposição pública. Isso a configura como um sentimento intrapessoal e interpessoal, orientado externamente pela consciência do olhar do outro sobre nós. Ou seja, eu me faço objeto do olhar, da escuta e do pensamento dos outros.

Em *Ética docente: vergonha e humilhação*, Araújo (2001) atribui à vergonha um papel regulador nas experiências interpessoais e intrapessoais, e reafirma a importância do sentimento em alusão às relações sociais do homem, vinculando esse sentimento às humilhações e à exposição pública.

O autor salienta a relação entre o vínculo da vergonha e o rebaixamento do *self* em situações de humilhação e de exposição pública e, assim como De La Taille (2002a), coloca a vergonha intimamente ligada à moralidade. Para que esse sentimento apareça, é necessária “[...] uma relação interpessoal significativa, ainda que imaginária, quando a pessoa pode senti-la mesmo sem a presença do público, por estar internalizada. A vergonha estaria, pois, vinculada a controles internos e externos do próprio sujeito”.

Por conseguinte, podemos alegar que a falta de vergonha está relacionada à imoralidade, uma vez que ignora e/ou despreza o juízo dos outros.

O autor apresentado abaixo traz sua contribuição, por acrescentar em nosso levantamento seus estudos da vergonha com uma visão mais sociológica.

Bourdieu (2002), em *O camponês e seu corpo*, enfoca o choque cultural entre o campo e a cidade e uma suposta desvalorização do jovem rural pela invasão da cultura urbana que penetra e “sub-julga” esse mundo. O camponês passa a perceber seu corpo, a partir dos padrões urbanos, como algo que denuncia traços de suas atividades e atitudes rurais. A consciência equivocada que possui o leva a uma atitude introvertida, a qual amplifica a vergonha e a falta de jeito, nas relações sociais, marcadas pela segregação dos sexos e pela repressão das emoções.

Para o autor, a vergonha está intimamente ligada à moral, um código de conduta exigido pelo social. O corpo do camponês o diferencia e o coloca em exposição, à medida que ele compartilha desse julgamento urbano.

A força do sentimento em questão está no poder atribuído ao “Outro”, em suas possibilidades de nos julgar e nos de expor a parâmetros que podemos até desconhecer.

Outros autores se dedicaram ao exame tanto das características fisiológicas decorrentes da vergonha, como das partes mais relacionadas às ciências quantitativas, dentro da Psicologia, em abordagens mais voltadas à teorias comportamentais.

Um destes é Hartenberg, que, em 1901, realizou um estudo pioneiro sobre as características fisiológicas da vergonha: taquicardia, palpitações, hiperventilação, sudorese, náusea, vômito, tremor, dificuldade na fala. Essas características têm uma peculiaridade interessante, chamada de efeito somatório, visto que o aparecimento de uma das características leva ao agravamento da outra. Por exemplo: quem enrubesce fica vermelho de vergonha de ter enrubescido.

Outro pesquisador, Markway [et. al.] (1999), em sua obra *Morrendo de vergonha: um guia para tímidos e ansiosos*, faz uma associação entre a vergonha e a fobia social, distinguindo vários níveis – desde o normal até o patológico – onde são encontradas respostas exageradas a condições sociais e ao medo social. O objetivo do trabalho é fornecer ajuda na forma de alívio imediato a pessoas com fobia social, funcionando como um suplemento para terapia e servindo como um manual de estratégias.

Esses pesquisadores enfatizam que a vergonha é um dos aspectos presentes na fobia social, decorrente de medos, como, por exemplo, falar em público, fazer exames, escrever, usar banheiros públicos, sair com pessoa do sexo oposto. Eles não propõem diretamente um estudo aprofundado do sentimento da vergonha, visando à elaboração de um manual para se lidar com tal sentimento, por meio de metas e formas dedicadas às pessoas com esse problema de ansiedade pelo desempenho e de preocupação para que o comportamento seja executado de maneira correta.

Prust e Gomide (2007), em *Relação entre comportamento moral dos pais e dos filhos adolescentes*, apresentam um trabalho quantitativo com base em questionários aplicados em pais e filhos, com o intuito de verificar o aparecimento de comportamentos antissociais. O estudo coloca o sentimento da vergonha como um dos determinantes do comportamento moral e junto com outros conceitos, como culpa, empatia, honestidade, justiça e generosidade.

Aqui, novamente, a vergonha aparece ligada à moral que deve ser seguida pelo sujeito, a não ser que ele “queira” destoar do grupo, de um conjunto normativo mantenedor da unidade social.

Anolli (2003), em *A vergonha* (“surge quando nossa auto-imagem faz-se em pedaços e o que queremos é desaparecer”), julga que esse é um dos piores sentimentos experimentados pelo homem, pois é capaz de anular nossa autoimagem e ferir nossa autoestima. A vergonha é sintoma de um “jogo psicológico”, porque está intrinsecamente relacionada com o social e, conseqüentemente, aos relacionamentos decorrentes do processo socializador. Pode, ainda, ser resultado de quando nos sentimos inferiores, reprovados ou humilhados, de que decorre sua ligação a uma suposta forte carga de raiva, vingança e desforra.

O estudo traça primeiramente uma relação entre vergonha e imagem de si, distinguindo-a do embaraço, da culpa e do orgulho. Posteriormente, avalia tal sentimento nas manifestações não-verbais, como o olhar, a postura, o rubor e as estratégias de comunicação. Considera algumas possíveis causas da vergonha – os quais ele denomina “jogos” – como as trapaças, a inferiorização (o que vão falar de mim?), a humilhação e os abusos sexuais.

O autor afirma que a preocupação com o tema nos leva a um melhor entendimento do desenvolvimento psicológico da criança em relação à vergonha, visto que esse sentimento pode ser percebido muito cedo, desde os dois anos de idade, com o “teste do espelho”, onde observamos a reação da criança perante sua imagem numa superfície refletora.

Tais fatos nos direcionam a ponderações de estudo das diversidades culturais. O autor expõe análises que colocaram, nos anos de 1940, o Japão (culturas orientais) tendo a vergonha como um modo de ser, diferentemente dos ocidentais, intitulados de “cultura da culpa”.

Na parte final do trabalho, ele examina os aspectos clínicos do sentimento da vergonha, propondo o teste “TOSCA” (*Test of Self-Conscious Affect*) como capaz de mensurar a predisposição à vergonha e à culpa, além de expor algumas características fisiológicas decorrentes desse sentimento, como já abordadas. Em acréscimo, propõe formas de superar esse sentimento, por meio de diversas estratégias emotivas e cognitivas.

A partir dessas pesquisas, desenvolvemos um trabalho organizado em capítulos, sobre os quais realizamos uma rápida apresentação, a seguir.

No Capítulo 1, explicitamos nossa pesquisa, sua metodologia e nosso referencial que é o da Psicossociologia. Delimitamos nosso método e a técnica de coleta de dados como sendo a entrevista semidirigida e ainda como realizamos a análise desses dados. Abordamos, de forma sistematizada, nossos sujeitos – *trecheiros* – e alguns cuidados tomados para a coleta de nosso material de estudo, além de expor nossos objetivos.

Em seguida, articulamos, no Capítulo 2, uma contextualização do contemporâneo com os sujeitos da pesquisa, como estes interpretam e entendem nossos dias atuais e quais os significados que atribuem a tal conjuntura e aos vínculos sociais.

Já no Capítulo 3, focalizamos o próprio sentimento da vergonha e como ele é vivenciado pelos *trecheiros*. Nessa parte do trabalho, analisamos como esse sentimento vai se instalando na vida dessas pessoas, além de levar em conta algumas características próprias da vergonha e seus diferentes tipos. Nessa parte, também utilizamos autores que realizaram trabalhos sobre a temática da vergonha com um cunho mais psicanalítico, caminho o qual também percorremos.

Elaboramos esse trajeto para, enfim, chegarmos às nossas considerações finais, onde tentamos sintetizar nossas ideias, além de possibilitar a abertura para novas questões a respeito da temática e, assim, fechar a investigação, apresentando nossas referências.

*Trabalhamos sob determinadas suposições.
Por exemplo: que o conhecimento seja possível.*

Nietzsche

CAPÍTULO 1

A Pesquisa

O desenvolvimento de um trabalho em Psicossociologia requer a análise das relações internas e externas do pesquisador, exigindo, portanto, reflexão – o que já faz parte do início da atividade de pesquisa. Assim, a escolha do tema não ocorre ao acaso, pois existem determinantes que possibilitam a decisão e a produção da pesquisa.

A pesquisa consiste, assim, em se interrogar permanentemente sobre ela própria, suas condições de produção, a construção dos seus objetivos, as escolhas técnicas, o estabelecimento de seus instrumentos, bem como sobre as aspirações, as projeções e os desejos que o pesquisador põe em prática na suas atividades. (GAULEJAC, 2001, p.44).

Essa perspectiva de trabalho constitui uma das formas de construção de pesquisa, em que se procura considerar o desejo do estudioso e o objeto é construído com base na ciência. Tal relação propicia as condições primordiais para que o trabalho possa ter um significado ao pesquisador, assegurando uma familiaridade e proximidade social que podem facilitar o desenvolvimento do mesmo.

Nessa perspectiva, desenvolvemos a pesquisa com o sujeito e a possibilidade do seu sentimento de vergonha, tendo como referência as relações sociais, porque é nesse contexto

do mundo contemporâneo que se têm apresentado, de um lado, as exigências de um padrão capitalista e, de outro, uma situação de precariedade.

A vergonha pode ser trabalhada no encontro do sujeito com ele próprio e com o social, buscando integrar os aspectos psíquicos e sócio-históricos aliados à capacidade de autorreflexão.

A vergonha se inscreve numa relação social. Ela pode fazer elo às raízes inconscientes, cada indivíduo reagindo distintamente a uma situação de humilhação, em função dos componentes psíquicos próprios. Mas ela é indissociável da relação social que contrasta o sujeito com as normas do seu meio, com os valores da comunidade à qual ele pertence. (GAULEJAC, 2001, p. 38).

O sentimento de vergonha emerge na relação de cada indivíduo consigo mesmo e em seu grupo social, que possui um sistema de normas comuns. Tomando como referência a situação da precariedade, pode-se dizer que a convivência com a vergonha pode estar associada a uma condição de fracasso pessoal. Somado a isso, Castel (1995) acrescenta que essa situação é uma questão social, a qual produz efeitos psicológicos, sendo necessário compreender os determinismos socioeconômicos e seus reflexos psicológicos.

Assim, neste trabalho, consideramos

[...] as relações entre “o” social – que apresenta dimensões emocionais, subjetivas, afetivas e inconscientes – e “o” psiquismo, pela língua, pelo simbólico e pela sociedade... (GAULEJAC, 2001, p. 37).

Além disso, para chegarmos a nossos objetivos procuramos efetuar um questionamento sobre o sujeito, a sua história, a sua relação com o grupo e com a sociedade. Tal perspectiva buscou concretizar uma análise das articulações entre o social e o psiquismo, produzindo reflexões acerca dessa relação.

Portanto, nosso objetivo constitui-se em identificar se há presença do sentimento de vergonha em trecheiros, no mundo contemporâneo, quais significados são constituídos na sua vida e compreender as múltiplas facetas assumidas por esse sentimento.

Esse objetivo abarcou os seguintes objetivos específicos, que estão intimamente relacionados:

- compreender como o sentimento de vergonha se instala e se desenvolve no trecheiro, a partir da análise do funcionamento psíquico e das relações que o sujeito estabelece com a sociedade.

- estudar a diversidade de elementos que emergem no sentimento da vergonha, e analisar as características mais comuns, tais como: ilegitimidade, inferioridade, dilaceramento, decadência e inibição, levando em conta as perspectivas da atualidade.
- compreender e apontar as diferentes formas de vergonha na vivência cotidiana dos trecheiros, como corporal, psíquica, moral, social e ontológica.

Utilizamos alguns autores, como Débord (1997), Bauman (2007; 2008), Lasch (1983) e Bourdieu (2002), por serem sociólogos, a fim de realizar uma contextualização da contemporaneidade; já autores como Gaulejac (2006), Kehl (2003), Carreteiro (2003) e Mautner (2003) foram empregados por estarem ligados à área psicanalítica, visando realizar uma compreensão da vergonha, propiciando-nos a construção da fundamentação teórica deste trabalho.

Usamos o termo *trecheiros*, quando queremos nos referir aos antigos mendigos, aqueles que vivem da bondade e generosidade alheia, ou seja, aqueles que pedem para sobreviver, uma figura bastante conhecida no contexto social. No entanto, o modelo capitalista adotado pelas sociedades fez com que essa figura do mendigo alterasse seus costumes de sobrevivência, de sorte que hoje ele não fica mais parado em um determinado local ou cidade, tem que estar sempre em movimento, buscando novos públicos, novas cidades, novas abordagens e novas estratégias para sobreviver.

O material de estudo foi constituído por relatos de oito sujeitos que vivem como trecheiros, indivíduos que perambulam de cidade em cidade, sobrevivendo de mendicância e, eventualmente, de ajuda de órgãos assistenciais. Em geral, não trabalham regularmente, não possuem residência fixa e frequentam o CAM (Centro de Atendimento ao Migrante) da cidade de Assis, localizada a quatrocentos e oitenta quilômetros de São Paulo – Capital, que está instalado no terminal rodoviário dessa mesma cidade.

Nascimento (2008) corrobora na elucidação de quem são esses sujeitos:

Esta população vive numa espécie de “ostracismo”, a despeito também de sua importância no cenário social, seja pela condição de desfiliação extrema, seja, ainda, por incluir de maneira avassaladora sobre ela as principais vicissitudes da economia e da organização social no mundo contemporâneo. Os trecheiros, assim como os andarilhos de estrada, vivem de maneira rudimentar pelos acostamentos das rodovias e radicalizam ao extremo essa condição de vida intermediada pelo desemprego, por miséria e incertezas que assolam a sociedade. (2008, p. 19).

A condição desses sujeitos é formada hoje de uma mescla entre andarilhos (público que transita pelas rodovias e não adentra as cidades) e antigos mendigos (sobrevivem somente dentro das cidades), dando origem a um novo grupo de pessoas. São os autodenominados *trecheiros*, termo que também é utilizado por nós, neste trabalho.

Os dados para a realização do presente estudo foram obtidos por meio de entrevistas semidirigidas, seguindo as orientações e precauções apontadas por Bleger (1998); além disso, para a realização dessas entrevistas, foram tomados os seguintes cuidados:

- explicação dos objetivos da pesquisa;
- apresentação e garantia de que serão mantidos em sigilo todos os dados que serão gravados;
- informação de que a entrevista poderá ser de uma ou mais sessões, dependendo da necessidade do pesquisador;
- solicitação de autorização para a coleta e utilização dos dados.

Em seguida, foi realizada uma entrevista semidiretiva, contendo os seguintes itens:

- história de vida;
- atividade atual;
- histórico profissional;
- dados pessoais atuais;
- perspectivas futuras.

Nosso trabalho responde às recomendações do Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos do Hospital Regional de Assis, conforme o termo de consentimento livre e esclarecido que os sujeitos da pesquisa devem assinar, devido à exigência da Resolução 196/96, do Ministério da Saúde. Tanto o modelo do termo de consentimento como o parecer favorável do Comitê de Ética seguem em anexo.

As identidades dos sujeitos foram preservadas e, para isso, utilizamos nomes fictícios. Além disso, apresentamos a idade, as profissões anteriores e o tempo aproximado como *trecheiro*: Marcos (30 anos, soldador, 2 meses); Rafael (36 anos, catador de material reciclável, 25 anos); Rodrigo (31 anos, chapa¹ e cortador de cana, 15 anos); Igor (43 anos, carcereiro e policial, 15 anos); Marcelo (28 anos, servente de pedreiro, 10 anos); Guilherme

¹ Trabalho sem vínculo empregatício, no qual as pessoas auxiliam na carga e/ou descarga de caminhões.

(23 anos, chapa e ajudante de festa de peão, 5 anos); Francisco (26 anos, pedreiro, 14 anos) e Lucas (34 anos, sem profissão, 15 anos).

A cidade de Assis-SP foi escolhida pelo fato de ser cortada pela SP-270 (Rodovia Raposo Tavares), principal via de conexão da capital com o extremo-oeste do Estado de São Paulo e com o Mato Grosso Sul, além de possuir uma alça de acesso a importantes cidades paulistas, como Marília e Ribeirão Preto. Não podemos deixar de mencionar, ainda, sua ligação direta com o Estado do Paraná, via cidade de Londrina. Desse modo, Assis possui um entroncamento rodoviário, tornando-se uma das principais rotas para tais sujeitos, de maneira que é por essas razões que escolhemos essa cidade. Vale ressaltar ainda, que a cidade de Assis-SP é onde o pesquisador reside e desenvolve suas atividades acadêmicas.

Para realizar a coleta de dados, utilizamos o CAM, órgão ligado à Prefeitura Municipal de Assis-SP, que conserva resquícios do antigo CETREM (Centro de Triagem e Encaminhamento de Migrantes), o qual se localizava próximo à rodovia Raposo Tavares, em Assis-SP, contando com um albergue e uma equipe para acolhimento.

Entretanto, o CAM não possui mais albergues, somente um acordo com determinado hotel privado, pouco usado devido à sua localização distante da rodoviária da cidade e porque os encaminhamentos são feitos somente no período noturno. O transporte fornecido pela Prefeitura pouco está presente junto ao órgão. O CAM ainda mantém convênios com empresas de transporte rodoviário, a fim de fornecer passagens para os necessitados.

Tais sujeitos foram escolhidos seguindo-se alguns parâmetros pré-adotados: o pesquisador, junto ao órgão encarregado (CAM), selecionou períodos do dia em que há maior circulação de trecheiros, no terminal rodoviário de Assis – os períodos levantados são das nove horas às onze horas e das quatorze horas às dezessete horas.

Ficou a cargo dos funcionários do CAM a apresentação do pesquisador aos sujeitos e o primeiro contato com os trecheiros, para a realização das entrevistas.

Os entrevistados foram generosos com seus relatos. Inicialmente, houve certo estranhamento, por parte dos mesmos; porém, o fato de serem apresentados por um funcionário do CAM ao pesquisador ajudou nesse primeiro contato. Posteriormente, estabelecido o contato, foi explicado que o trabalho consistia em ouvi-los, escutar o que tinham para dizer sobre a sociedade de hoje, de modo que as entrevistas seguiram de forma satisfatória.

Entretanto, os trecheiros dependem dos horários de ônibus para transitarem entre as cidades, fator que dificulta a coleta de dados, razão pela qual as entrevistas duravam o tempo

entre um desembarque e um próximo embarque, pois, se o indivíduo perdesse o ônibus, ele perdia também uma parte de sua cota de viagens fornecidas pelas prefeituras.

Essa cota que o trecheiro possui é consequência de uma nova estratégia adotada pelo poder público dos municípios, para fazer com que esse público não fique instalado em uma determinada cidade, por muito tempo. Eles recebem passes para circularem entre as cidades, não só da região, mas também por outros Estados. Caso contrário, a polícia fiscaliza a fixação destes, em determinados pontos da cidade.

A análise dos dados foi efetuada considerando-se o referencial teórico adotado, buscando-se compreender o sofrimento psíquico decorrente da precarização, levando-se em conta a questão sociocultural.

Assim, a análise obedeceu às seguintes etapas:

- leitura atenta do relato inteiro de cada um dos sujeitos, para a compreensão de seu sentido global;
- análise de cada relato, procurando-se entender os significados das vivências dos sujeitos que indicaram o sentimento de vergonha;
- síntese dos dados obtidos para todos os sujeitos, buscando-se apontar os sentimentos comuns e os que diferenciam, na vivência de cada um;
- estabelecimento das relações entre os sentimentos dos sujeitos e o referencial teórico apresentado.

Dessa maneira, no caminho da compreensão do sofrimento das pessoas em situação de precariedade e mendicância, tivemos também a intenção de contribuir para a melhoria da relação homem-sociedade.

*O mundo só é miserável para os
que o julgam assim.*

Michel Maffesoli

CAPÍTULO 2

Desvelando as vivências de trecheiros na contemporaneidade

Neste capítulo, realizamos uma exposição do que entendemos por contemporaneidade, articulando falas dos trecheiros em relação às suas vivências cotidianas, para que, assim, pudéssemos construir uma ideia do contraste que há entre esses modos distintos de vida.

Inicialmente, realizamos um resgate das histórias de vida e a análise dos motivos para que tais sujeitos compartilhem dessa espécie de vida.

Existem discussões em relação às alterações que ocorrem nas formas de mal-estar no contemporâneo. As interpretações decorrentes de tais alterações provocam divergências, o que, por sua vez, traz implicações nos discursos, nas práticas sociais e na vida de cada pessoa.

Nosso olhar se volta agora para a Psicanálise e para a Sociologia, em busca de uma leitura sobre o mal-estar para compreender a questão da subjetividade contemporânea, além de resgatar a história de vida dos trecheiro, a fim de contextualizarmos suas vivências, na atualidade.

Marcos (30 anos):

Olha, minha infância foi uma infância normal, né, bastante brincadeira e tal, mas eu comecei a trabalhar muito novo, né, com uns 13, 14 anos já tava trabalhando, inclusive eu tenho minha profissão que eu sou soldador, eu consegui ela, com 17 anos de idade já tinha ela na carteira já, no documento tudo certinho aqui. Não tô nesse mundo aí por causa de droga e bebida.

Rafael (36 anos):

Infância mesmo eu não tive, entendeu? Perdi minha mãe com um mês de nascido, fui criado com tia. Vim conhecer meu pai com doze anos, quando eu conheci ele, ele morreu com duas pernas amputadas, de trombose, enterrado em... Eu sou nascido em..., mas sou registrado em... É... eu não tive infância, entendeu, é... infância de... criado por tia, uma infância que, naquele tempo não tinha recurso que tem hoje em dia, que, que hoje tem de tudo, tem criança já nasce com berço de ouro, bem dizer, Bolsa Família tudo. Naquele tempo não tinha, se tinha que ficar parado era pequenininho, não tinha essas coisas tudo.

Rodrigo (31 anos):

Olha... minha infância não foi lá muito das boas não. Não conheci meu pai, a minha mãe me criou sozinha lá no..., a gente era muito pobre não podia fazer nada era tudo quietinho senão apanhava. E logo ela faleceu, eu era novo e logo caí no trecho, ninguém me deixou herança, a gente vivia de aluguel, minha tia me assumiu pra criação, mas ela morreu também. Aí...

Igor (43 anos):

Minha infância foi uma infância boa, tranquila, calma. Tudo perfeito. Meu pai, ele tinha 45 anos de idade quando casou com minha mãe. Minha mãe tinha 18 anos de idade. Tiveram um relacionamento perfeito, com isso e aquilo. Meu irmão é legista, trabalha na polícia, fazendo autópsia, meu outro irmão é escrivão de polícia aposentado, minha irmã é investigadora de polícia também aposentada. Eu trabalhei como carcereiro policial também.

Marcelo (28 anos):

Ah... minha infância sempre foi muito... assim, sempre trabalhei com meu avô, na minha infância. *[era da cidade ou do sítio?]* meu avô era da cidade. *[trabalhava em quê?]* Trabalhava de ajudante, de servente *[e você sempre do lado dele...]* É... lado a lado, eu com meu avô era... tinha boa relação com ele, dava muito bem com ele. Mas depois conheci a mãe da minha filha, juntei com a mãe da minha filha, né... a gente ficou junto uns dez anos, aí depois não deu certo, aquelas coisas. E depois segui meu destino, caí no mundo, no trecho, né.

Já! Já fiz um pouco de tudo na vida, né. Trabalhei de servente, parte com pintura. Fiz um pouco de tudo na vida, né.

Guilherme (23 anos):

Ah... foi difícil, meu pai era alcoólatra, aí batia na minha mãe, depois ele morreu, aí minha mãe veio para o interior, aí minha mãe faleceu também; a gente não tinha casa própria, não tinha – tipo assim – uma renda né... e... e, pra se sustentar, daí eu fiquei na rua. Aí eu comecei a usar drogas e cheguei ao ponto de andar muito mal mesmo, entendeu? De beber pinga, aí eu parei graças a Deus (mentira, uma maconha eu fumo ainda). Mas pinga eu não

bebo mais, de vez em quando eu faço uns bico, trabalho em festa, quando tem rodeio, essas coisas, e fico aí rodando o mundo.

Francisco (26 anos):

Ah, não era das melhores, não. Ah, sempre pra rua, não gostava de estudar. Aí meu pai faleceu, minha mãe também e faz desde os doze anos que eu tô andando.
Porque não tem onde ficar.

Verificamos a constante presença de perdas familiares dessas pessoas quando crianças, causa de desamparo e falta a quem recorrer; temos, aqui, desde cedo, o sentimento do estar sozinho no mundo. Percebe-se também a presença de uma atividade profissional ocupacional braçal, na vida de quase todos esses jovens, talvez já visando a ajudar no sustento da família.

Encontramos, nos relatos a seguir, indícios do motivo de essas pessoas estarem vivendo nesse difícil modo de vida.

Marcos:

Olha só, eu tava trabalhando em... e eu tenho problema de saúde, você entendeu? é da onde eu tô vindo de lá. Aí eu caí doente em... e eu tava com um dinheiro no banco guardado, mas aí você depender de um hospital público eu ia terminar de morrer no corredor do hospital público lá em..., aí o dinheiro que eu tinha guardado tive que pagar. Conversei com a enfermeira do hospital público, foram num hospital particular, e o que eu tinha dava para poder pagar uma internação de 10 dias até eu me recuperar, meu dinheiro foi todo embora e dali pra cá já tem dois meses que eu estou desempregado à procura de trabalho e não tô conseguindo nada, porque normalmente tem que parar em albergue, ficar em rua, ficar pedindo ajuda aos outros, isso aí pra mim é vergonhoso, um cara cheio de saúde, né, com esse problema aí asmático meu aí, uma pneumonia mal curada não é uma doença, né. Então, pra mim é vergonhoso, um cara com 31 anos tá tendo que ficar pedindo passagem, passagem de 30 reais, 20 reais, sempre, sempre, sempre tive todas minhas coisas.

Rafael:

Aí eu caí no mundo, com dez anos de idade eu já tava na rua, trabalhando, né. Naquele tempo catava “osso” é mesma coisa que reciclagem, vendia “osso”. E minha tia me deu uma surra e com dez anos eu saí de casa, andando o mundo, era o tempo do “fusquinha”. Não tinha essas viaturas, o fusquinha já dava impressão *[falando sobre a polícia]*. Aí saí de casa com dez anos, fiquei andando pra lá e pra cá. Aí depois com... quatorze anos eu já tava no... já trabalhando em fazenda já. Sou registrado em carteira desde 1992, eu tenho registro em carteira de trabalho. Aí eu arrumei uma mulher lá no... com vinte anos, eu tô com trinta e seis. Lá em..., prá lá de..., aí nasceu um moleque. Só que essa mulher que eu arrumei ela já tinha dois filhos que não era meu e cada um tinha um pai, embarquei em um caminho errado, né, moleque novo, né, ela já era vivida. Mais nova né, pah, era bonita, né, vamos

dizer, era atraente, né, e eu se envolvi, aí nasceu meu moleque, nasceu em... Nasceu em 1996, ele nasceu em..., no dia sete de janeiro.

Aí nós tava no... trabalhando em uma fazenda, aí tava ruim, não dava pra pagar um gás e os pais dela moravam em..., aí nós resolvemos ir pra lá. Aí “lascô” tudo mesmo. Eu sem nenhum parente lá e ela com um monte de parente e nós dependendo, aí começou aquele “brigaiero”. Aí até dei uns tapas nela, entendeu? perdi a cabeça, dei uns tapão. Os parentes entraram no meio, já briguei com um lá, dela também, já fomos pra...

Igor:

Carcereiro policial, eu saí porque me mandaram trabalhar no Carandiru, eu não aguentei, era muita pressão. Ainda bem que destruíram aquilo lá, não existe mais, você entendeu? Eu pedi minha própria documentação. Depois por causa da cachaça que eu saí pelo mundão.

Guilherme:

Ah... era bem, sempre me deram de tudo assim. Aí teve uma época que meu pai decaiu na bebida, por causa que ele ficou desempregado e começou a faltar as coisas dentro de casa e ele não suportava ver isso, porque ele nunca deixou faltar nada para nós e foi decaindo cada vez mais e chegou ao ponto que...

Aí vim com minha mãe para o interior, aí chegando aqui no interior, ela morreu atropelada. Morreu atropelada com 41 anos.

Eu... na época tinha... 8 anos, aí quando eu fiz dezessete anos, ela veio a falecer e... 17 ou 18 anos, faltava um mês, um mês e pouco para meu aniversário. E amanhã é meu aniversário, dia 8 de maio, Dia das Mães, aí eu não tenho motivo para comemorar, né... complicado.

Francisco:

Não, porque depois eu fui para..., aí faz uns 15 anos que eu tava lá, tramando tudo, aí eu arrumei mulher, aí não deu certo, abandonei a casa com móveis e tudo e fui cair no mundo de novo.

Porque não deu certo com a mulher. Nós não tem filho, nada.

As principais características que aparecem, como motivos por estarem na vida de trecheiro, são: desemprego e conseqüentemente a falta de oportunidade posterior, as perdas familiares e a falta a quem recorrer, brigas com mulheres, sejam decorrentes do casamento ou não e cachaça.

Sobre as mudanças desse mundo contemporâneo, nossos sujeitos abordam alguns pontos.

Marcos:

Ah! As brincadeiras nossas eram umas brincadeiras totalmente diferentes de hoje, né. Era soltar pipa, bolinha de gude, pião, esse pião de jogar, brinca daquele negócio de pique-esconde, polícia e ladrão, essas brincadeirinhas aí,

de criança mesmo, eram umas brincadeiras sem maldade, até os desenhos que a gente assistia era uns desenhos mais disciplinados que eram para criança mesmo, hoje em dia você vê esse monte de desenho aí que é só desenho que eu acho que força a criança a ficar até violenta, na nossa época não tinha isso.

[...] A modernização do celular, hoje uma criança de 10 anos pode ter um celular que grava, que, que filma essas coisas tudo e ali ele pode baixar filme de mulher pelada de sacanagem, né, tá ouvindo... né não, e o país e a mãe não sabem, internet... O pai sai pra ir trabalhar e a mãe, fica ali e entra num *site* ali e ali ele vê mulher pelada, ali ele já tá com 14, 15 anos eles fazem formação de galera e falam em briga essas coisas, né.

Rafael:

A sociedade aí, não todos, mas a maioria não vale nada e eles não veem a situação deles, só pensam que tá de bem de “boinha”. Não é assim que funciona, gosta de julgar os outros, né, sem saber o que é a vida dos outros. Nem todos são iguais.

Igor relata a unidade que ele encontra no grupo de trecheiros, aspecto que ele não vê na sociedade:

Meu caro, é uma verdadeira família. Um ajuda o outro. Um empresta o passe dele pro outro. Um empresta o cigarro dele pro outro. Entendeu? Falar a verdade para você, entre os trecheiros, é uma verdadeira família, se um fica sabendo que o outro tá no trecho, um ajuda o outro, como pode. Se um não tem uma coberta, um dá uma coberta pro outro, um dá uma meia pro outro. Uma verdadeira comunidade que não existe na verdadeira sociedade.

Francisco ainda fala das dificuldades atuais:

Ah... o que tem de bom é que você anda o mundo, conhece várias pessoas, umas boas, outras ruins. E o ruim seria se eu tivesse preso. Na rua, solto já tá difícil... Você imagina preso...

Apesar de todas as adversidades e falta de informações, os trecheiros ainda tecem algumas críticas à sociedade atual, dizem das mudanças que hoje percebem e que não notavam até há pouco tempo, como a tecnologia que mudou o comportamento das crianças e o individualismo que dificulta o relacionamento e a aproximação com as pessoas, num âmbito geral.

A partir disso, realizamos a análise da relação entre as vivências dos trecheiros com três aspectos marcantes de um mal-estar que percebemos em nossa sociedade atual e, apesar

de essa sociedade e seu modo de vida ser o mesmo para todos, as vivências e as experiências que nela passamos são distintas para cada um dos indivíduos. É, também, nessa parte do trabalho, quando abordamos o segundo aspecto relevante para a contemporaneidade, que os trecheiros sistematizam as divisões de nomenclaturas e explicam o porquê de se autodenominarem dessa forma.

Existem, por conseguinte, três aspectos que identificam o contemporâneo, para Birman (2006), que entende que, na atualidade, o mal-estar prevalece sobre o registro do corpo, da ação e do sentimento.

O corpo aparece como o primeiro registro e o mais evidente do mal-estar: as queixas corporais se projetam pelas estratégias publicitárias que levam a novas modalidades de terapias exóticas e práticas médicas. Kehl (2003) contempla essa questão, quando aponta que nosso corpo é reflexo do meio em que vivemos; em outras palavras, é uma imagem atribuída de significados pelos outros, que podem ou não nos gerar marcas. Essas marcas, se unidas, suscitam significados, constituindo uma forma de vergonha.

O corpo do trecheiro exemplifica esse aspecto. As condições precárias em que vive trazem características para sua imagem, destacando-a das demais.

Marcos consegue abordar esse problema, no seguinte trecho de sua fala:

Ah... sei lá, é uma apresentação, né, você tá com uma barba feita, você tá limpo, essa aí é uma questão que normalmente as pessoas... se você tá trabalhando, executando uma tarefa, você tando sujo, tudo bem, mas se tiver executando uma tarefa, mas se você não tá fazendo, o que justifico de você tá sujo, tá barbudo, é você tá nas drogas, é você tá na bebida, é isso, não tem outra justificativa. Eu vejo assim e eu sou um cara que eu penso muito no que as pessoas tão... da maneira que elas me olham, né, olham outras pessoas, os companheiros.

Ele diz da importância da imagem em nossa sociedade, expondo sua impossibilidade de atender as exigências propostas pela *sociedade do espetáculo*, como nos apresenta Débord (1997).

Já o segundo registro é a ação, a qual emerge da hiperatividade que move o indivíduo, na atualidade. As pessoas agem sem saber o que buscam, pois a marca é a indeterminação. Tal como ressalta Bauman (2007), as realizações individuais dificilmente se solidificam, e as condições de ação e as estratégias de reação envelhecem, tornadas, assim, obsoletas.

Francisco:

Por causa que a gente não gosta de ficar parado numa mesma cidade. Ah... nós gosta de andar. Sumir no mundo, conhecer outras cidades, outros rostos.

Rodrigo:

Ó... a gente anda por aí, sem rumo, conhecendo esse mundão, sem pressa. Eu agora mesmo tava ali no..., agora tô indo ali pra... ali... aquela cidade ali... não lembro o nome... Chegando lá, fica um pouco, vê se tem alguma coisa pra fazê e quando der, sai no trecho de novo.

Guilherme:

É, não ficar muito tempo no mesmo lugar, um pouco aqui, aí, sai pra outro lugar, é o dom da paciência, né.

Francisco, Rodrigo e Guilherme expõem o porquê das constantes viagens. O *sumir no mundo* é uma espécie de esconderijo, da não vontade de ser identificado, entretanto, significa também a dificuldade de fixação em determinado lugar: ao se chegar a um local desejado, eles permanecem pouco tempo e logo partem para outro. Há, ainda, o desejo de não ficar conhecido em determinado local, de não ser confundido com mendigos e andarilhos, como explicam Francisco e Marcelo.

Francisco:

Mendigo é aquele que anda aí na cidade todo imundão, vira “pardal” da cidade, tá de um lado pro lado. Nós não. Nós gosta de andar. Nós não para, vamo andando, é diferente do mendigo.

Marcelo:

Trecheiro, né... porque tem, ó... tem o trecheiro e tem o andarilho, né. O andarilho é aquele que só anda beirando as BRs, não entra dentro de cidade, só fica andando a pé. E tem o trecheiro que o seguinte, o trecheiro ele entra de cidade em cidade, em outros Estados, cidade em cidade, entendeu?

Os próprios nômades fazem essa divisão entre eles: andarilho, trecheiro e mendigo (pardal). Cada um possui suas características, conforme apontado; contudo, há certa angústia quando reunidos em uma mesma categoria, a de mendigo (figura mais conhecida).

Rafael relata sobre essa mescla de nomenclaturas que os incomoda: “Na rua, os outros veem você na rua e chamam você de mendigo. Pô... não é assim!” – e reforça sua afirmação, argumentando: “Jesus andava de a pé, todo lado, pra lá pra cá, em outros, outros lugares, outros Estados, igual eu venho fazendo. Então, Jesus era mendigo também? Pô, não é assim, entendeu?”

Há um incômodo, por parte dos nômades, quando a sociedade os vê como sendo todos da mesma classe, sem efetuar distinção dos grupos de que fazem parte e se autodenominam.

O terceiro registro do mal-estar é o sentimento. No mundo líquido, o sentimento de segurança psíquica se evapora. O eu não consegue estabelecer relações entre o corpo e o mundo e, por sua vez, o eu e o psíquico ficam sem potência. Assim, a desposseção de si apresenta indícios de comportamento depressivo, tornando-se uma das principais questões do mal-estar, na atualidade.

Ainda que não tenhamos observado a instauração de uma depressão nos trecheiros, fica claro o aparecimento de alguns sinais de angústia e tristeza.

Guilherme:

Ah, simplesmente num ponto a gente fica triste, né, entrega na mão de Deus, né, aí pensa assim: esse é fraco de espírito entendeu? Não soube ser solidário... assim... vamos dizer, Jesus perambulou também, pediu, bateu nas portas.

Aí quando chega a noite, quando fecha tudo, não tem mais recurso para você ir, não tem com quem você conversar, não tem onde você esconder a cabeça, entendeu? É a hora mais triste, é aí que muitos se entregam na bebida, já toma bastante, já desmaia e dorme.

Marcelo:

Ah... é uma vida sofrida, é uma vida que, vou falar pra você, a pessoa tem que saber sobreviver, senão fica muito mais sofrida, hein? Aquele sofrimento, ficar dependendo de albergue, dependendo disso, dependendo daquilo... se Deus quiser, esse ano agora eu pretendo sair dessa vida, que é muito sofrida.

Essa questão da tristeza pode ser evidenciada na perda da autoestima, por parte dos trecheiros. Por sempre estarem sendo ignorados, já se acostumaram com isso. É o que Francisco nos explica, quando perguntado sobre como sente o preconceito das pessoas:

Ah... já acostumei, né. Você olha assim na pessoa, você vê que eles têm preconceito. Mas tanto tempo já na rua, você acaba se acostumando, não tem outro jeito.

As constantes situações de descaso e repúdio da sociedade para com esse público minam suas defesas, a ponto de fazê-los acreditar que seu lugar é esse de inferioridade, de ser menos e menor que os demais cidadãos “normais”. Sua autoestima e amor próprio são afetados, o que lhes proporcionará consequências indesejáveis.

Essas formas de manifestações do mal-estar podem ser construídas pelo medo da perda do corpo, do *status* social, do trabalho, do poder, dentre outros elementos formadores de nossa identidade. Cai sobre esse aspecto do medo da perda do espaço social a incumbência de modelar um código de conduta, que, se não for bem trabalhado, pode internalizar no indivíduo o sentimento de vergonha, o qual carregará até o fim de sua vida.

Enriquez (1997) enfatiza que a nova mentalidade contemporânea sobre o trabalho gera mobilização dos seres humanos para o mesmo, levando ao surgimento de valores sociais pelos quais “[...] os indivíduos que não trabalham são parasitas, delinquentes e inúteis. Ou que, em certo sentido, aqueles que não trabalham não têm o direito de comer”. Aparece um interesse global pelo trabalho, tanto pelos empregadores, como pelos empregados, justificando uma busca por um elemento constitutivo e fundamental da personalidade.

O capitalismo permeia por completo a sociedade atual, pregando sua ideologia consumista. Tudo é tratado como produto, já que a principal característica desse modelo é a produção visando ao acúmulo e, conseqüentemente, à obtenção de lucros pela venda. Aqui, a mídia, juntamente com a propaganda, ganha um importante papel. Ela reproduz imagens – idolatradas pelo público – que serão interiorizadas como possíveis autoimagens a serem atingidas. Esse processo torna ainda mais difícil a separação entre real e fantasia, uma vez que o consumo age como “facilitador” da obtenção dessa fantasia.

Em uma sociedade na qual o sonho do sucesso foi esvaziado de qualquer sentido além do seu próprio, os homens nada possuem para medir seus próprios feitos, a não ser os feitos de outros homens. A auto-aprovação depende do reconhecimento e aclamação públicos, e a qualidade dessa aprovação sofreu importantes mudanças por direito próprio. [...] Hoje em dia, os homens buscam o tipo de aprovação que aplaude não suas ações, mas seus atributos pessoais. (LASCH, 1983, p. 87).

A imagem, relacionada igualmente ao corpo, ou melhor, à ideia (fantasia) que temos de nosso corpo ou do corpo do outro, transformou-se em um objeto que tentamos vender a qualquer custo, mesmo tendo que corromper nossos próprios valores, de sorte que nos submetemos a avaliações, a julgamentos, objetivando reconhecimento social, pautados em uma imagem reproduzida sem muitos significados a não ser seu próprio; isso nos conduz à superficialidade, cedendo à sedução pela aparência e afirmando um individualismo ajustado ao narcisismo.

Marcos aborda essa questão, quando expõe sua preocupação com o olhar dos outros – e complementa, dizendo:

[...] até eu se fosse eu empresário, dono de alguma coisa aí: chegar um cara limpo e um sujo, minha preferência seria a do cara limpo, independente se aquele que tivesse, se um tivesse mais experiência de trabalho do que o outro. Por quê? Normalmente quem tá sujo é isso mesmo, um cara que tá envolvido na cachaça, nas drogas, tá perdido, não quer nada com nada. Se ele não tá cuidando dele, vai cuidar do emprego dele, né? E é essa maneira que eles olham.

Guilherme focaliza o mesmo problema:

Porque o que eu ganho, o pouco que eu ganho eu invisto e as coisas que eu ganho eu não desfaço, eu não vendo, procuro usar, pode olhar, tá furadinho, mas também ninguém nota, o importante é estar limpo.

Apesar de estarem à margem do que a sociedade considera aceitável e não possuírem muitos meios para manutenção da higiene básica, os trecheiros não conseguem estar alheios aos valores sociais emergentes no contemporâneo.

Para não banalizarmos a definição de narcisismo apenas como sendo o amor por si mesmo, quando queremos usá-lo como fenômeno social decorrente desse modo de vida capitalista, utilizamos a leitura de Lasch (1983)². Assim, podemos trabalhar com um individualismo carente, vinculado ao sentimento de vazio e ao exibicionismo exacerbado, no qual a autoestima do sujeito se liga às suas figuras de contemplação sem significados, admiradas e vendidas.

A velocidade da produção e as exigências de venda de novos bens ajudaram na mudança de sentido do fabricar e comprar. O raciocínio de que as coisas são produzidas para atenderem às necessidades reais não é mais aplicado, deixando de lado o valor que legitima o esforço humano na fabricação de algo.

Nesse contexto, a utilidade é proporcionada pela felicidade, em que a compra de objetos se torna signo do conforto emocional desejado. Portanto, as raízes do consumismo (BIRMAN, 2006) vão além da lógica de mercado, chegando a vias de monopólio de prestígios e prazeres, no qual o indivíduo busca diferenciar-se dos outros, por meio do “comprismo”, visando a conter sua insatisfação social e emocional.

Ter prazer é sentir satisfação pela compra, ou seja, satisfação é compatível com consumo. Já que sentir prazer é o principal ingrediente da felicidade, consumir passa a ser uma tentativa de comprar a felicidade.

² Para ler mais sobre o assunto, consultar Lasch (1983), em *A Cultura do Narcisismo*.

Marcos:

Ah, isso aí a gente sente todo dia, né, porque eu não, eu não sou acostumado com rua, agora quem já se acostumou, já se entregou para rua, já perdeu o brilho do rosto, o caráter, pra ele é fácil. Ele já não tem mais que trabalhar, ele não se preocupa mais com nada, pra ele, o que interessa pra ele é o alcoolismo, as drogas, né. E ali deu vontade de comer, ele vai num lugar e pede, deu vontade de beber, ele pede a um, deu vontade de fumar ele pede a outro, deu sono, ele cai e dorme por ali, eu não tenho coragem de fazer isso.

Rodrigo:

[...] eu queria um trabalho de carteira, eu pedia um adiantamento e alugava um quartinho com banheiro e uma cozinha, só isso, nem ia fica em casa, ia trabalhar o dia inteiro mesmo, a noite até dava pra arrumar uma namoradas.

Igor:

Ah, você vai para uma casa, eles arruma, se você chegar num bar, se tem um cara tomando uma pinga lá, já arruma. Nessa parte, é mais fácil. Chega lá, pede um salgadinho, todo mundo ajuda.

O que notamos nessa passagem é a inversão da lógica capitalista. Esse grupo de pessoas não compartilha dos ideais consumistas, já que almeja no máximo um emprego simples com carteira assinada. O ato da compra é substituído pelo pedir alguma ou qualquer coisa para matar a fome ou a vergonha.

Pela lógica do consumo, os objetos são primeiramente fantasiados e posteriormente inutilizados.

Isso porque a interlocução pressupõe a existência do outro para que se possa fazer um apelo e ser o suporte para produção de sentido. Enfim, o vazio da subjetividade atual é o correlato do mundo que perdeu o sentido. (BIRMAN, 2006, p. 193).

Temos, então, o *mise-en-scène* onde o que importa é o “gozo” próprio, o querer a qualquer custo as figuras idealizadas do consumismo, juntamente com uma indiferença pelo “gozo” do outro.

Todavia, o indivíduo nunca alcançará satisfação duradoura o suficiente, pois novos produtos sempre serão lançados, “mais bonitos, mais aperfeiçoados”. O prazer será sempre momentâneo, não encontraremos a autorrealização emocional no consumismo.

É o que Lasch (1983) chamou de *falsas satisfações*, em que as gratificações são buscadas de modo imediato: é o mito do sucesso pregado por nossa sociedade. A satisfação está no momentâneo (pegar o que se quer, ao invés de esperar o que se merece). O objeto

exaltado hoje pode ser alcançado por meio do consumo, no entanto, amanhã haverá outro “melhor”.

Para que seja possível desenvolver uma visão crítica a cerca dos problemas de nossa sociedade, é necessário realizar uma revisão das questões idealizadas sobre a felicidade e não dar tanta importância ao consumismo, mais do que ele merece.

Na sequência, estabelecemos uma relação entre os trecheiros, o trabalho e o consumo. Partimos da premissa de que os trecheiros estão inseridos na mesma sociedade capitalista que todos outros seres humanos, de forma que o ato de trabalhar ocupa grande importância nesse contexto, porque o homem pode vender sua mão-de-obra a troco de dinheiro, circunstância que fez com que passasse a ser explorado. Esse mesmo homem, trabalhador e digno de *status* social, passa a ser cada vez mais explorado, tem que comprar cada vez mais símbolos para sua afirmação social, pois é isso que nossa sociedade prega, ou seja, um consumismo exacerbado.

A intenção, aqui, foi de mostrar a relação que o trecheiro estabelece com tal conjuntura, já que não possui subsídios para manter a imagem pregada e idolatrada pelo consumismo.

A intensa relação homem/produto, exaltada pelo capitalismo, faz com que a despossessão assuma um papel significativo junto à vergonha; o medo de perder algum produto ou *status* leva o sujeito a crer que está perdendo algo de si. Consequentemente, isso o levará a uma conduta moral perante a sociedade, com a finalidade de não arriscar tais perdas.

Pellegrino (1987) aponta o trabalho como o fornecedor desse *status*, no entanto, para isso, o indivíduo deve passar por algumas situações, porque o sujeito precisa sentir-se excluído da relação dos pais e, apesar de sentir-se impossibilitado, procura abrir alternativas na vida. Existe, portanto, uma lei que serve para estruturar o sujeito, possibilitando sua inserção no meio social.

O Édipo é a Lei do desejo. À Lei do desejo pode – e deve – corresponder um desejo de lei. A lei existe sobre a égide de Eros – para servir a Eros. Ela é, portanto, um produto erótico, está na base do processo civilizatório, desde sua origem, na sua raiz do esforço individual e coletivo no sentido de hominização – e da hominização do ser humano. (PELLEGRINO, 1987, p. 199).

O indivíduo precisa renunciar ao desejo vinculado ao princípio do prazer, buscando a adequação ao princípio da realidade; após esse sentimento de perda, outro aparece:

O pacto com a Lei da Cultura – ou Lei do Pai – é a tarefa primordial da criança na primeira etapa do seu desenvolvimento psicosssexual. Transpondo o Édipo e suas vicissitudes, cheias de som e fúria, a criança entra em período de latência e, nele, inicia o processo de aquisição de uma competência, pela qual, no futuro, através do trabalho, irá contribuir para construção – e a transformação – da vida social. (PELLEGRINO, 1987, p. 201).

Desempenhando papel mediador, o trabalho representa a possibilidade de inclusão na sociedade. O pacto com a Lei da Cultura está centrado na renúncia aos impulsos sexuais. Junto ocorre o Pacto Social por meio do trabalho, no qual o indivíduo deve receber todos os instrumentos necessários para constituir-se como sujeito humano, preparando-se para identificar e inserir a si próprio na sociedade.

Trabalhar é inscrever-se no tecido social por mediação de uma prática, aceitando a ordem simbólica que a constituiu. Trabalhar é disciplinar-se, é abrir mão da onipotência e da arrogância primitivas, é poder assumir os valores da cultura com a qual, pelo trabalho, nos articulamos organicamente. (PELLEGRINO, 1987, p. 201).

É com a prática do trabalho que o indivíduo admite a renúncia pulsional, aceitando o princípio da realidade. O pacto que o sujeito estabelece com a Lei do Pai é que vai possibilitar a realização do Pacto Social:

O pacto primordial, repitamo-lo – prepara e torna possível um segundo pacto, em torno da questão do trabalho. O primeiro pacto *garante e sustenta* o segundo, mas este, por *retroação* confirma ou infirma, o primeiro. O pai é o representante da sociedade junto à criança. A má integração da Lei da Cultura, por conflitos familiares não resolvidos, pode gerar conduto anti-social, mas uma patologia social também pode ameaçar – ou mesmo quebrar – o pacto com a Lei do Pai. (PELLEGRINO, 1987, p. 201-202).

Para ser respeitada e preservada, a sociedade necessita respeitar e preservar o trabalhador, caso contrário, o trabalhador responderá com desprezo e agressividade, podendo provocar a ruptura com o Pacto Social, como explica Hashimoto (2005).

A troca tem uma função primordial no processo de construção do sujeito, pois, ao oferecer, por meio do trabalho, a competência e a renúncia pulsional, o indivíduo espera receber o mínimo necessário para a preservação dos aspectos físicos e psíquicos. Se essa troca não se efetiva de forma satisfatória, pode ocorrer uma ruptura, no nível do inconsciente, com

o Pacto Edípico. Isso significa uma destruição do mundo interno, “[...] o significante paterno, o Nome-do-Pai e, em consequência, o lugar da Lei” (PELLEGRINO, 1987, p. 203).

Desse modo, a sociedade pode ser considerada um progresso na organização do trabalho, que é visto agora como uma necessidade, podendo representar um agravante para nosso sujeito, já que sua precariedade acentua as restrições de escolha de um possível dignificador social, o trabalho.

Tal questão pode ser observada na fala de Marcos, Rodrigo e Guilherme, quando questionados sobre a importância do trabalho, em suas vidas. Rodrigo declara que o trabalho é o que dignifica o homem e que, se tivesse oportunidade, alugaria uma casa bem simples, já que nem iria ficar muito lá, haja vista sua dedicação ao trabalho.

Marcos:

Ah, o trabalho para mim é minha vida. Porque eu, eu abandonei os estudos, por eu só fiz até o segundo grau, tinha vontade de ter tentado uma faculdade, ter me formado em engenharia mecânica, alguma coisa, mas não tive oportunidade, que eu tive que abandonar os estudos pra seguir minha profissão, né. [...]

Você tem que abandonar um e eu preferi abandonar o estudo pra seguir minha profissão, por isso pra mim meu trabalho é minha vida. Eu amo o que eu faço, eu não trabalho na solda, porque eu dependo para ganhar um dinheiro, não. Eu trabalho na solda, porque eu amo ela, eu abandonei muitas coisas, até namorada pra poder seguir, pra poder trabalhar, pra poder me esforçar, aprender, virar um soldador e hoje eu me sinto humilhado de tá passando por essa situação igual eu tô te falando, ó cara. E é foda mesmo (você desculpa o vocabulário que eu falei agora, mas que é difícil, é difícil, mesmo, cara). Você ter que chegar e passar por uma situação dessas aí ...

Guilherme:

Ah, é tudo, né! A dignidade do homem é o serviço, né. Chegar no fim de semana você ter seu dinheiro, ter aquela renda fixa, né.

Os sujeitos relatam a importância de se ter um emprego fixo. Contudo, Marcos expõe que fez escolhas para seguir trabalhando no que gosta, mas chegou a um momento em que suas escolhas não mais o dignificam perante a sociedade. Está desempregado, sem oportunidades e sem ninguém a recorrer; quando busca outros empregos para melhorar sua imagem frente às pessoas, ele se depara com situações que novamente o excluem.

A condição de vida que leva, a falta de residência fixa, o nomadismo – que trouxe consequências negativas para sua vida profissional –, é exemplificado em outra fala de Marcos, contando quando vai, novamente, procurar emprego:

Perdi lá em... agora, na refinaria lá, ué... tive que tá na... três dias, aí consegui o teste, fiz o teste, aí, pra ir pegar o guia do exame, só depois do resultado da radiografia, quando eu fui lá para poder pegar no dia do exame, eu já tava com os trajes que eu tinha... tive que dormir na rua, quando eu cheguei já meio sujo, eles falaram: “Ué... mas você não toma banho?” Falaram desse jeito, aí eu falei: “Não, senhor, eu não tô tendo onde tomar um banho”. Falei a verdade: “Eu tô dependendo de fichar, aí eu fichando, eu posso assumir um compromisso em uma pousada aí, para eu poder pagar a hora que eu receber o adiantamento ou...” falei com esse cara assim. Aí ficaram assim, falaram pra eu voltar dali cinco dias, aguentei mais cinco dias na rua, aí, quando eu voltei, falaram que tinham cancelado o fichamento de todo mundo [ruídos] Mentira! O pessoal que tava tudo lá tava fichado...

Já Rodrigo se coloca no papel do empregador, ao receber um trecheiro numa entrevista de admissão:

Por exemplo: se eu fosse um empresário, aí, também ia ficar meio assim de dar emprego para um cara assim, sujo, que nem tem estudo direito.

Tais questões se unem a um agravante: o fato dos poucos albergues, que ainda existem, aceitarem esses sujeitos por um e, no máximo, três pernoites. Faltam-lhes espaços dentro da sociedade, um espaço que aos poucos vai sendo tomado, fazendo com que sua intensa e constante “peregrinação” seja cada dia mais necessária.

Soma-se a essa conjuntura a política de concessão de passagens adotada pelos governos municipais. Quando nossos sujeitos foram questionados sobre tal política pública de diminuição dos números de albergues e sobre receberem passagens para transitar entre as cidades, eles responderam:

Marcos:

Ah, eu cheguei pra mim ficar aqui pra ver se eu arrumava um serviço, né, falaram que o campo de trabalho é grande aqui, mas aí, como não tem o albergue, aí, falou comigo pra mim evitar de ficar na rua aí, né, às vezes tá dando trabalho pra polícia, tá sendo abordado aí... puxando documento, essas coisas, aí tá me encaminhando pra uma cidade aí com nome de..., aí o policial que tá ali dentro falou que lá tem um campo até grande pra essa área...

Rodrigo:

Ah... é mais fácil, né... mas eu nem uso quase, porque você às vezes é humilhado quando entra na cidade, as assistentes social mesmo te esculacham. Eu fico andando, arrumo umas pinga e vô por aí.

Rafael:

Olha, eu acho que essas verbas de passagens, tudinho, eu tenho vinte e seis anos de rua, tem até gente que é mais velho que eu, eu acho que essas passagens aí tinha que juntar tudo e fazer um, um tipo, um negócio de serviço pra ganhar dinheiro e o cara alugar um quarto e... porque hoje eu tô aqui, amanhã joga pra um outro lugar, como é que eu vou ficar só um dia na cidade, daqui a pouco tem as polícias que “embaçam” também.

Então, eu acho que deveria ter um ramo de serviço, para aquele que quer, quem não quer fica de lado. Mas esse negócio de ficar dando passagem de todo lado, isso aí não vira, isso aí é turista, então... forçado. Eu tenho vinte e seis anos que ando de a pé e não gosto de ficar pedindo passagem, agora é que eu tô cansado, mas eu ando pra não precisar ficar se humilhando...

Evidencia-se um descontentamento do próprio público com as políticas públicas adotadas pelos governos municipais. Os trecheiros preferem caminhar de cidade para cidade a entrarem na zona urbana só para pedir passagem, além de alguns se sentirem humilhados pelas próprias assistentes sociais. Há até sugestões dos mesmos para dar outro destino ao dinheiro empregado na compra das passagens.

Marcos conta ainda que, nesse período em que está vivendo como trecheiro, se sente muito mal:

Pô, em dois meses parece que... que eu não... que esses dois meses parece que eu não sou ninguém, um saco de lixo tá parecendo, um inútil, entendeu?

A falta de trabalho para Marcos se configurou em uma história de perda de sua dignidade, perda de padrões valorizados e cobrados pela sociedade, como é o caso da própria conduta moral, cobrada igualmente pela própria pessoa.

Esboça-se, dessa maneira, uma questão que consideramos a ferida civilizatória, chamada moral. Nessa perspectiva, podemos afirmar que o código moral da sociedade está baseado na culpa.

Trata-se de uma moral que, por sua vez, se incumbiu de canalizar toda a agressividade da civilização. Compreendemos, por conseguinte, um supereu³ social, o qual não se importa com a saúde psíquica do indivíduo, lançando ordens ao eu, julgando-o apto e hábil para tanto. Discorrendo sobre a vergonha, nesse contexto, deparamos com um complexo sistema: eu, supereu e ideal de eu.

³ Sabemos dos embates teóricos que envolvem as traduções das *Obras Completas* de Sigmund Freud; contudo, não é intenção deste trabalho entrar em tais discussões.

O eu é alvo tanto das exigências de seu ideal, como dos limites morais do supereu. Ele sofre pressões de ambos os lados, sejam elas internas, sejam externas. Segundo Birman (2000), “[...] tem-se uma cena social onde o ser e o parecer se confundem incitados pelo exibicionismo”, onde a relação narcisista é marcante. Aqui, o exibicionismo sinaliza as pressões externas sofridas pelo ego, caracterizando a importância do olhar do outro. Já o narcisismo assinala as pressões internas sofridas pelo ego, caracterizando vivências passadas que podem ser retomadas a qualquer momento.

Débord (1997) mostra uma ligação da “evolução” humana com a negação de instintos primários, uma vez que a liberdade dos instintos é normalmente restringida, no processo de socialização. O espetáculo equivale à produção de alienação, por causa da expansão econômica que transforma tudo em imagem a ser estimada. Consequentemente, o corpo será afetado pelo desenvolvimento emocional, assim como os estados da psique.

Nesse sentido, é provável inserirmos os trecheiros em um tempo, o qual passou por muitas transformações. O mal-estar que antes começava a se delinear, agora já está instaurado e julgado necessário.

A vida em sociedade torna-se o grande agenciador do processo de instauração do mal-estar. Freud (1930), em *O Mal-Estar da Civilização*, havia alertado para aspectos semelhantes, como, por exemplo, o avanço técnico-científico e os descompassos em nossas satisfações, que isso poderia ocasionar.

Freud não propôs desvalorizar totalmente o progresso tecnológico da civilização para a obtenção de felicidade, contudo, ressalta que o poder do homem sobre a natureza não é a única forma de obtenção da felicidade. “Enfim, de que nos vale uma vida longa se ela se revela difícil e estéril em alegrias, e tão cheia de desgraças que só a morte é por nós recebida como uma libertação?” (FREUD, 1930 [1929], p. 107-108).

O mal-estar, que antes começava a se mostrar e que depois se tornou uma necessidade, na sociedade, agora é agravado pelo desenvolvimento e aperfeiçoamento de técnicas e conhecimentos. Se, por um lado, os avanços técnico-científicos podem prolongar a vida do homem, por outro, podem acarretar-lhe sofrimentos.

Pode-se sublinhar a presença, na obra de Freud, não de uma crítica da modernidade enquanto tal – o que seria ingênuo, já que a modernidade é uma produção da ordem da história –, mas dos impasses que a modernidade constituiu para o sujeito. (BIRMAN, 2000, p. 139).

Freud faz, ainda, uma releitura das problemáticas propostas pela modernidade, inserindo o sujeito como seu fundamento. A partir de tal ponto, a emoção encontra, nessa ocasião, um jeito deturpado de se externalizar, partindo da premissa de que tais avanços foram insuficientes para saciarem nossas alegrias.

É essa concepção de homem, ao mesmo tempo autossuficiente e desamparado – de algo maior para se apoiar, quando em situações adversas – que vai inquietar a humanidade. A quem recorrer, nos momentos difíceis?

Marcos:

Mas Deus sabe das coisas, tudo na vida do homem tem um, tem um motivo, né, que sirva de experiência, não sei.

Guilherme:

[...] simplesmente num ponto a gente fica triste, né, entrega na mão de Deus, né, aí, pensa assim: esse é fraco de espírito entendeu?
Sou, sou católico (gesticula e mostra o crucifixo no pescoço).

Rafael:

Ponto negativo é o que tem, mas têm as coisas boas também, que é de conhecer pessoas boas e tem a fé em Deus também, né, sem Deus, a gente não é nada.

Rodrigo:

Coisa boa é Deus no coração e os companheiros que a gente encontra, muita gente boa nesse mundo...

Em função desse sentimento de desamparo e nas limitações morais é que a religião conseguiu triunfar. Ela oferece segurança de um futuro melhor para quem a segue e um alívio da culpa, denominado pecado, de que o homem já nasce portador. Há, ainda, nessa culpa, a contenção dos chamados impulsos carnis e de luxúria.

As discussões sobre religião são complexas e extensas, mas não é nosso objeto de reflexão, embora auxiliem na compreensão do mal-estar do qual nosso público-alvo (trecheiros) compartilha.

No mal-estar da sociedade dita espetacular, à mídia são atribuídos poderes, pela sociedade, os quais fazem com que ela possa atuar, estimulando a massificação das pessoas, por meio de uma subjetivação social de ideais, focada na ferida narcísica dos indivíduos, que se constitui como a possibilidade da re-vivência de situações semelhantes àsquelas que desencadearam a instauração da vergonha, na pessoa.

A mídia é o operador principal desse sistema. Sem esta, afirma-se, o espetáculo se esvazia. Caberia perguntar acerca do lugar ou instância do aparelho psíquico que a mesma vem ocupar para exercer essa capacidade subjetivante, mas também essa potência de captura imaginária e massificação. (FUKS, 1999, p. 71).

Assim, deduzimos a contemporaneidade como uma época instaurada de um mal-estar cumulativo de várias outras épocas, que possui, além de um código moral social, exigências sociais amorais, que exigem do sujeito uma postura incondizente com o equilíbrio orgânico e psíquico, caso este venha a submeter-se aos ditames daquela sociedade, tendo em vista que a velocidade dos acontecimentos é intensa, fruto da volatilidade dos acontecimentos tanto concretos como subjetivos.

Na sociedade contemporânea, os sujeitos são dotados de poderes e autossuficiência inquietantes e desconfortáveis, proporcionados pelo avanço da tecnologia e da ciência, o qual nós mesmos buscamos. Experimentamos um período em que se encontra um grande descompasso entre alegria e sofrimento, um tempo no qual um instrumento faz a mediação na vida de muitos, recebendo o nome de mídia, e onde o narcisismo triunfou, re-significando o conceito de relação.

É nesse contexto que vivem os trecheiros, um palco de todas as suas exigências e esperanças em relação à sociedade e desta para com eles, conjuntura na qual a vergonha ocupa um lugar significativo, camuflado por raiva, medo, vivências na infância, violência, humilhação, amores proibidos direcionados às suas ilusões, proporcionadas por suas expectativas num equilíbrio interno e externo.

O significado do trabalho, dentro de nossa sociedade capitalista, ainda os permeia na tentativa de resgatar sua dignidade, porém, os padrões de consumismo – consequência dessa sociedade – não são por eles compartilhados. A intenção do trabalho é ainda primitiva, se pensarmos nos moldes contemporâneos: conseguir uma moradia simples, com uma cama confortável e alimentação.

Contudo, antes mesmo do trabalho, o simples ato de pedir já é uma espécie de ocupação, que resiste aos padrões do consumo exacerbado. Muitos relatam que a vergonha na hora de pedir os impede de “mendigar” sempre, fazendo-o apenas quando absolutamente necessário, para saciar momentaneamente a fome, a sede e/ou a vergonha.

Vale mencionar as dificuldades encontradas pelos trecheiros, como, por exemplo, o medo na hora de dormir, a solidão, quando o uso do álcool acaba sendo importante, em determinados momentos.

Marcos:

[...] mas você dormir num lugar, uma pessoa fazer uma covardia com você, você entendeu? Você tá dormindo e atear fogo em você, ou você toda hora, você ser abordado por polícia, entendeu? É doloroso, né.

Rafael:

Eu... eu tenho medo sabe do quê? Desses caras mais ricos, de vagabundo eu não tenho não. É coisa de traficante...

Rodrigo:

Iiii... difícil é na hora de dormir, viu, rapaz, dá medo de esses playboy vir e botar fogo na gente, como aconteceu já lá. A gente enche a cara é já capota por qualquer canto, mesmo.

Igor:

Agora, o duro é onde você dormir, você entendeu? Fica com esse negócio de droga, de *crack* aí... então, você não consegue dormir tranquilo, entendeu? Você dorme, mas com dois palitos no olho. Sem descansar.

Guilherme:

Ah, meu maior medo acho que é covardia, né, você tá às vezes assim num lugar descansando e chega uma pessoa, fraca de espírito, né, entendeu? Põe fogo em você ou vai saber, né. Tem cara que bebe aí, gente com dinheiro mesmo, e sai bagunçando pela rua, às vezes você tá deitado, descansando em algum lugar, entendeu? Chega dois, três, te bate e diz: “O que você tá olhando?” e tal, aí você tá sozinho e quem vai te defender, e tem bastante...

Medo, insegurança, violência, inconsequência, delinquência são todas características decorrentes de nosso modelo social consumidor e de seus produtos valorizados, cenário onde a violência que estampa as capas dos jornais são manchetes valorizadas dentro dos noticiários. Em outras palavras, é o que vende. Está criada uma indústria da violência social, em que não só os criminosos ficam com os louros.

Considerando que desse movimento pode provir alguma forma de sofrimento, os trecheiros têm suas vidas postas em evidência, pois estão livres das incertezas das classes “não-pobres” e expostos à certeza da precariedade.

Essa posição os colocará em situações nas quais sua vergonha tem maiores chances de aflorar, tendo de lidar com os pré-conceitos da sociedade, além de seus próprios. Seguem, assim, um raciocínio que os colocará à margem de seus medos, pois, uma vez submetidos às

demandas contemporâneas, sua exposição lhes dará propósitos para preocuparem-se, mesmo que eles não a desejem; quando isso ocorrer, suas feridas jamais se cicatrizarão.

Por isso, a questão da mendicância, o ato de pedir, de estender a mão à espera da boa vontade alheia, em um mundo escasso de um olhar mais íntimo para com o outro, é tão difícil, sendo necessário compartilhar entre si estratégias para que tal ação seja menos árdua. Uma dessas estratégias é o uso do álcool (da pinga, da cachaça), que se torna um aliado nos momentos difíceis, como podemos observar nos relatos a seguir:

Guilherme nos conta que a noite é o momento mais triste, é quando eles param e pensam na vida – e é nesse momento que muitos se entregam à bebida. Bebem para conseguir dormir em qualquer lugar.

Rafael, quando questionado sobre o assunto, sublinha sua dificuldade em pedir:

Lógico que é complicado. Por isso que a gente chapa, porque de cara não dá para encarar. Já toma uns goles, porque aí já fala uns montes logo.

Já Marcos salienta:

Ah, nem que eu quisesse fazer, o que eu não quero fazer é isso aí ó, pedir, entendeu? Às vezes beber, e às vezes tô bebendo pra poder ver se... pra esquecer os problemas, mas não esquece, depois eles vêm e vêm pior, entendeu? Esquece aquele momento que você chapa ali, fica alcoolizado, dorme, mas você acorda e a realidade é aquela ali mesmo.

Rodrigo:

Rapaz... é complicado... tem gente que passa pelo ocê e finge que a gente nem tá ali ou, às vezes, dá só pra gente sair logo de perto. É por isso que a gente bebe de vez, fica mais fácil, a bebida ajuda nessas horas. É fácil você conseguir pinga...

Francisco:

Ô! Todo dia. *(como é?)* É difícil, é difícil. Ainda mais você estando são. Por isso que a gente bebe. Se não beber, não pede, aí morre de fome, né.

Pedir por necessidade, passar vontade, viajar constantemente, não se fixar em uma cidade apenas, dentre outros vários aspectos indesejáveis, são resultados de um novo padrão (nova política pública) adotado pela sociedade e por seus governantes, a fim de que não seja necessário olhar diretamente para esses seres humanos. É mais cômodo esconder ou transferir o problema para um lugar onde não o veremos mais, já que, como enfatiza o dito popular, “o que os olhos não veem o coração não sente”.

No próximo capítulo, abordaremos o próprio sentimento da vergonha, levando em conta suas características mais comuns e os diferentes tipos de vergonha, relacionando e analisando tudo isso com as vivências dos trecheiros, nesse contexto que acabamos de traçar.

*Por que as árvores escondem
o esplendor de suas raízes?*

Pablo Neruda

CAPÍTULO 3

Raízes do Sentimento da Vergonha

No intuito de compreender como o sentimento de vergonha se instala e se desenvolve, no trecheiro, a partir da análise do funcionamento psíquico e das relações que o sujeito estabelece com a sociedade, desenvolvemos algumas análises, considerando as vivências dos trecheiros e a teoria psicanalítica.

É complexo falar sobre a vergonha. Ela provoca um sentimento que cria desconforto, tensão, mal-estar; é preferível não tocá-la. Esse sentimento acontece provavelmente pela resistência em recebê-la.

Marcelo nos relata:

Ah... eu... nunca passei vergonha, sinceramente não. Sabe por que eu nunca passei? Porque eu, na minha necessidade, graças a Deus, eu sempre vivi dignamente e honestamente.

Mas o que seria vergonha, para esse sujeito? Qual o entendimento que ele faz de tal sentimento e quais os significados que a palavra carrega consigo?

Buscamos no dicionário (FERREIRA, 1993, p. 564), o significado de vergonha: “*sf. 1. Desonra, opróbrio. 2. Sentimento penoso de desonra ou humilhação perante outrem; vexame,*

afronta. 3. Timidez, acanhamento. 4. Pudor. 5. Ato, palavras, etc., obscenos, indecorosos e/ou vexatórios. 6. Brio, honra.”

A vergonha aparece associada ao sentimento de desonra, de humilhação ou de uma situação de afronta, que pode levar a uma posição incômoda e gerar marcas que o indivíduo levará para toda a sua vida.

A reação mais comum de um sujeito envergonhado é sua intenção de passar despercebido por determinadas situações sociais. No entanto, devemos ressaltar que, quando um sujeito está nessas condições, é exposto e se sente vulnerável, vê ali uma situação incômoda e paralisante, pois as características fisiológicas da vergonha se tornam uma força global. Ou seja, uma leva ao aparecimento ou ao agravamento da outra; por exemplo: quem enrubesce fica mais vermelho de vergonha por ter enrubescido. É o chamado efeito somatório.

Algumas das manifestações fisiológicas mais comuns que caracterizam o sujeito envergonhado, segundo um estudo pioneiro realizado por Hartenberg (1901), publicado em seu livro *Les timides et la timidité*, são: taquicardia, palpitações, hiperventilação, sudorese, náusea, vômito, tremor, dificuldade na fala.

Em um ambiente em que a pessoa fica à mercê do contato social, pode sentir vergonha devido à situação de exposição, mostrando-se reservada e visando a desviar a atenção dos outros à sua volta. Ser objeto de observação pode deixá-la inseguro; todavia, essa insegurança se relaciona a quê?

Relaciona-se à intensificação de seu nervosismo quanto ao desejo de ser aceito socialmente, o que, por sua vez, irá colocá-lo em evidência e numa posição de vulnerabilidade no contexto social, fato exatamente oposto ao que almejava. Dessa forma, o sujeito fica insatisfeito consigo mesmo, encobrindo hostilidades, afetando seu amor-próprio.

Marcos:

Ah... olha com maus olhos, né. Você acha que uma pessoa vai parar para conversar igual a gente tá conversando aqui? Com um cara sujo... não para, não. O que passa na cabeça deles é que a gente vai pedir, vai roubar, vai fazer o mal a alguém, não é verdade?
Vamos supor: no caso eu tô sentado aqui, todo mundo normal, aí vem um policial aqui e me pede os documentos, olha minhas bolsas e tudo. Por que só de mim e não das outras pessoas?

Igor:

Porque você não pode ficar mais numa cidade só. Se você ficar numa cidade só, todo mundo vai ficar te olhando, entendeu? Nego acha que você vai roubar, que você vai fazer alguma coisa, né...
Acha que nós somos bandidos, que nós somos isso e aquilo. Tem pessoa que, realmente, é bandido. Mas a maioria não é, a maioria é que fica, assim,

numa cidade. Que nem agora eu tô vindo de..., né; passei em..., passei em..., tudo isso aí, só que só andando.

Ih... para mim, é uma discriminação, entendeu? Só porque a pessoa tem uma residência fixa, tem um carro na garagem, isso e aquilo; eu não tenho que criticar uma pessoa só porque ele tá dormindo numa rodoviária.

São vários os motivos que destacam essas pessoas dos demais, quando entram na zona urbana. Isso, conseqüentemente, causa incômodo ao indivíduo, deixando-o vulnerável ao julgamento alheio, o que pode colaborar para a diminuição de seu amor-próprio.

Apesar de o indivíduo tentar preparar sua ação antecipadamente para determinadas ocasiões, isso não é garantia de boa desenvoltura e postura tranquila, frente a situações vividas como vergonhosas e que remetam a um estigma.

“O receio de não poder estar à altura da situação faz com que o indivíduo antecipe a vergonha de envergonhar-se” (FERRAZ, 1966, p. 49). Todos os olhares se voltam para si, de sorte que todos podem perceber seus defeitos: este é um raciocínio inquietante.

Por exemplo: numa situação em que a pessoa deve falar em público, ela normalmente se inibe, esquece o que havia preparado, teme esquecer nomes e conceitos, palavras familiares lhe desaparecem da memória, tamanha a ansiedade em tais situações. Posteriormente, restabelecida a calma, o que fora preparado retorna e os nomes e palavras familiares continuam sendo comuns.

Assim, o isolamento é um mecanismo de defesa utilizado pelo eu, o qual leva à formação de sintomas neuróticos. Por defesa, entendemos a luta do ego contra ideias ou afetos dolorosos ou insuportáveis. Isso posteriormente, na Psicanálise, foi chamado de recalçamento.

A postura de que deveria ter sido desse jeito, mas não foi, distancia o eu idealizado do eu real. Raiva, culpa, fracasso, substituição do real pelo imaginário – caminham junto com uma grande carga emocional – sempre acompanham o sentimento de vergonha. São mecanismos usados para preservar tanto a si mesmo, como a aparente harmonia social e interior.

Temos a impressão de que o <eu> que o tímido imagina como real é subestimado, e o tem como inferior e desprezível, devendo, portanto, ser ocultado aos outros, ao passo que o <eu ideal>, modelo que aspira a ser, é superestimado e colocado muito acima do que o indivíduo realmente é. Vê-se, a si mesmo, com extremo rigor, mas deseja permanecer a outrem através de uma impressão bem favorável, desconfiando ao mesmo tempo que não conseguirá. (FERRAZ, 1966, p. 54).

O envergonhado, ao invés de ressaltar os aspectos positivos de situações por ele antes imaginadas, exalta no momento real os aspectos negativos e desagradáveis, que o remetem a algumas exposições vexatórias.

O olhar do outro o surpreende, incita a fantasia em suas criações. Encontramos nessas situações a supervalorização da desaprovação, sua vida não lhe pertence totalmente, suas verdades e dogmas estão sob julgamento. A opinião alheia é muito mais considerada do que podemos imaginar.

Falta a ele senso da valorização do social. Há uma pretensão de se mostrar como não é. Está sempre aquém ou além do que pretende. Tem medo da repercussão de seus atos e até de sua fala.

Contudo, de onde provém essa vergonha? Que situações podem causá-la ou mesmo evocá-la? Como o contexto social influencia o indivíduo a recolher-se e a se envergonhar de algo que pode ter acontecido há longa data, deixando-lhe estigmas? Ou como e em que situações o indivíduo presencia situações que podem lhe evocar tal sentimento?

A seguir, expomos as vivências cotidianas e as relações que esses indivíduos estabelecem com a sociedade.

Rafael:

Não acha emprego, porque nós somos discriminados. [...] fica falando que a gente é vagabundo e não é, porque não dá serviço pra gente? E quando você arruma, irmão, quando você arruma, o cara quer te pagar a troco de pinga, o cara quer que você trabalhe a troco de pinga, entendeu, isso aí não existe! É isso que é o mundo e tem muita gente boa nesse mundo, mas tem muita gente que não vale o que come. Só tem a feição de bom por fora, porque o coração... eu falo, porque já andei no mundão.

Eu tenho vinte e seis anos que ando de a pé e não gosto de ficar pedindo passagem, agora é que eu tô cansado, mas eu ando pra não precisar ficar se humilhando, aí olha [gestos apontando para suas sacolas]: latinhas da BR, é de BR isso aí, venho vindo desde lá de... Eu não gosto de ficar pegando passagem por causa disso, sou humilhado! Não assim, entendeu? – por todos, mas eu me sinto por causa de três real... é duro, eu sei como que é a vida. Mas a gente vai levando com Deus, né. A gente dorme na rua aí, ó, tá vivo, tá com saúde, graças a Deus, tem neguinho que dorme em colchão e amanhece todo quebrado com pneumonia, gripe e nós não. Nós dorme na rua e tá na saúde e nós toma pinga, hein? Mas não é fácil, não.

Rodrigo:

Até arrumei, viu, mas como que a mina vai viver com um cara que não tem nem casa... é difícil, viu. Uma até queria viver no trecho comigo, mas eu falei: “Não, você não sabe o que é difícil na vida, você tem família aí, tem tudo, essa vida é complicado”. Tem até umas que a gente já encontra no trecho, mas é naquele jeito, né... um pouquinho aqui, um pouquinho ali e cada um vai pro seu rumo.

Oooo, rapaz, eu trabalho, não sou vagabundo, não. Quando precisa, eu faço uns bicos de chapa, ou ajudo eu colheita até de cana, mas emprego, emprego mesmo de carteira assinada eu não tive, até meus documentos foram roubados, eu tava dormindo ali numa cidade do..., que eu sô de lá, né, minha família era de lá, aí veio um “roc” e levaram minhas coisas, até os “homem” (*policiais*) falaram que essa coisa não se faz e que não ia ter jeito de achar, não. A assistente social da cidade me destratou, falou que eu era vagabundo e se isso era jeito de um rapaz como eu andar.

Eu trabalho, quando eu junto um dinheirinho, fico aí andando...

A gente anda quando tem e quando não tem dinheiro [risos], quer dizer, a gente nunca tem dinheiro de verdade, se tivesse não tava nessa vida. Ó... a gente anda por aí, sem rumo, conhecendo esse mundão, sem pressa. Eu agora mesmo tava ali no..., agora tô indo ali pra... ali... aquela cidade ali... não lembro o nome... Chegando lá, fica um pouco ver se tem alguma coisa pra fazer e, quando der, saio no trecho de novo.

Igor:

Ah, você vai para uma casa ,eles arrumam, se você chegar num bar, se tem um cara tomando uma pinga lá, já arruma. Nessa parte, é mais fácil. Chega lá, pede um salgadinho, todo mundo ajuda.

Marcelo:

É, faz dez anos que eu tô no trecho. Faz dez anos que eu vivo no mundão aí. Agora mesmo eu tô descendo do... e querendo sair dessa vida, porque ninguém quer viver numa vida sofrida, né. E eu mesmo tô descendo para visitar minha filha, minha família, entendeu?

Ah... é uma vida sofrida, é uma vida que, vou falar pra você, a pessoa tem que saber sobreviver, senão fica muito mais sofrida, hein? Aquele sofrimento, fica dependendo de albergue, dependendo disso, dependendo daquilo... se Deus quiser, esse ano agora eu pretendo sair dessa vida, que é muito sofrida.

Guilherme:

De cidade em cidade, se tiver um trampo, uma festa, alguma coisa, trabalho num bar, ajudo a descarregar um caminhão, o que tiver aí, o pouco que eu ganho eu invisto: tomar um banho na rodoviária, comprar uma mochila, comprar uma camiseta, comprar uma roupa, almoçar, peço comida em restaurante e eu acredito que roubar não dá, eu levo essa vida faz cinco anos. É... faço uns bicos quando aparece, né, tipo chapa, vai no mercado: “O senhor não tem um caminhão para descarregar aí não?” “Ah! Não tenho, não tem serviço, entendeu?” Às vezes, não ajuda, mas se o senhor não puder me ajudar, quiser me dar um serviço é melhor tal, mas se a pessoa não tem serviço, ela vem dá uma ajuda, né.

É. O mais dolorido é quando chega a noite, né. Porque de dia você ainda tem as pessoas para conversar, encontra amigos, o mundo é... às vezes você encontra um rapaz aqui, daqui a pouco você vai para 30, 300, 400 quilômetros e você encontra ele em outra cidade. Aí, quando chega a noite, quando fecha tudo, não tem mais recurso para você ir, não tem com quem você conversar, não tem onde você esconder a cabeça, entendeu? É a hora

mais triste, é aí que muitos se entregam na bebida, já toma bastante, já desmaia e dorme.

É, eu estou aqui faz uma semana já. E como que eu vi que aqui tá fraco de serviço, de bico, eu vou voltar pra... que lá tá melhor, né. Lá tem o supermercado..., lá tem o..., lá tem bastante caminhão para descarregar, né. E, vira e mexe, três, quatro biquinhos por semana, aí eu vou lá no albergue, lavo minha roupa, almoço, só não posso tá dormindo lá direto, porque lá é só para quem vai viajar, mas eu tenho uma amizade com a assistente social e eu posso lavar minha roupa lá, almoçar e jantar.

Francisco:

Mesma coisa de sempre, mesmas dificuldades. Você tem que comer, você tem que pedir dinheiro, porque eu ainda trabalho, faço meus artesanatos (faço moto, faço helicóptero, faço flor para vender, tudo na latinha). Só que em todas as cidades que eu passo a polícia para, enquadra, toma tudo minhas ferramentas, alegando que é arma branca. A lá, ó, tô seu ferramenta nenhuma ali. Tomaram alicate, tesoura... eles tomam tudo. Agora, tô indo para o..., pra ver se eu consigo alguma coisa lá.

Ah, os homem (*policiais*) ficam muito em cima da gente, né, a polícia fica.

Qualquer lugar. Nós se arruma no meio do mato, deita e dorme. Tem manta, cada um carrega sua manta, tem coberta, aí nós acha papelão pela rua aí, forra o chão, deita e dorme. (*aí no outro dia continua...*). Aí no outro dia continua, quando não pega passagem, precisa ir para uma cidade, estica pra outra cidade, na canela mesmo.

Não. Aí nós arruma umas panelas, arruma um pouco de comida pra fazer no caminho e vamo que vamo. Arruma uma cachaça para nós levar, um pacotinho de fumo para ir fumando e vamo levando a vida. Até nós chegar no destino nosso, aí quando a gente chega lá nós para.

A, uai, vai procurar alguma coisa pra fazer, né. Se não tem, procura, ou vai, porque nós não tem destino. Nós fala: to indo pra tal cidade, nós vai chega lá já quer ir para outra, aí pra outra, aí pra outra, aí pra outra, não para. Meu destino mesmo é passar por... o... é só de passagem mesmo, eu quero ir para...

Assim mesmo, mangando [*pedindo*] de cidade em cidade. Também não tenho pressa pra chegar.

Lucas (34 anos):

Não! Andando aí. Andando aí, conhecendo as cidades.

Desde criança.

Não. Nada, sozinho mesmo. E Deus.

Andando o mundão aí.

É bom, é... bom.

... E vim andando, vim parar aqui.

Pra aqui perto, duas cidades... e...

Andar, conhecer as cidades. Gosto de conhecer e andar também. Ando para conhecer as cidades.

A impossibilidade de ter um ponto fixo, as dificuldades de não possuir um lar, a árdua tarefa de ter que pedir, a solidão, a falta de reconhecimento e as constantes abordagens da

polícia são exemplos de uma vida difícil e árdua, para tais pessoas. Sobram, aqui, situações que podem evocar ou mesmo causar o sentimento de vergonha nessas pessoas, em detrimento do contato com a sociedade. Cabe a cada um conferir a característica, a particularidade de determinada situação, a fim de que uma ou outra vivência surja como vergonhosa.

Entretanto, o sentimento de vergonha tem outros aspectos que devem ser examinados. Assim, De La Taille (2002) complementa com um aspecto – o mundo interno –, evidenciando a complexidade que constitui o estudo da temática escolhida. O referido autor considera importante compreender o mundo interno da pessoa, pois o sentimento de vergonha pode emergir em momentos em que ela está sozinha, sem testemunhas:

Fosse a vergonha puramente de origem externa, sentir-se-ia vergonha perante qualquer olhar: Mas não é o caso: sente-se vergonha para certas coisas e frente certas pessoas. E isso porque sentir vergonha não decorre apenas do ser julgado por alguém, mas do julgar-se a si próprio. (DE LA TAILLE, 2002a, p.89).

Já Gaulejac (2006), a partir de relatos de sujeitos obtidos em um grupo de pesquisa, aponta a reação das pessoas em face de tal sentimento:

A vergonha é um sentimento doloroso e sensível sobre o qual é preferível não falar. Ele engendra o silêncio, o fechamento em si até a inibição. [...] A vergonha é um sentimento social e psíquico particularmente doloroso. (p. 17-18).

Esse sentimento incita o desconforto, por isso é incômodo falar sobre ele. Por conseguinte, tocar nesse aspecto provoca um silêncio, não só pelo incômodo da fala, mas também pela dificuldade de tê-lo. Essa condição leva o indivíduo a isolar-se em si próprio e esse sintoma provoca a impotência e a perda da confiança, pelo fato de a vergonha e o narcisismo estarem intimamente ligados.

Quando o sujeito se sente impossibilitado de responder a uma afronta, toda sua unidade narcísica é atingida, surgindo a vergonha, que pode levar ao isolamento.

O que desperta a vergonha e promove, assim, uma ameaça à identidade e às relações do sujeito, é algo que o sujeito toma como diferente da imagem que ele busca assumir frente ao grupo. Esta diferença, posta em evidência repentina e indevidamente, denuncia uma descontinuidade entre o que o sujeito é e o que ele imagina que deveria ser para poder compartilhar experiências com aqueles outros sujeitos. Do ponto de vista do sujeito envergonhado, este seu aspecto destoia do ideal supostamente compartilhado pelo grupo. (VERZTMAN, 2005, p. 92).

Essa diferença assume um posto de uma marca identificatória que passa a representar a identidade como um todo. Desse modo, apenas um traço é valorizado, colocando à sombra todas as demais extensões do território narcísico, ao mesmo tempo em que instaura a separação entre sujeito e grupo, acabando por atingir toda a imagem própria, a autoestima e o amor próprio.

Na verdade, o problema pode estar tanto no próprio indivíduo, pois é ele que enxerga em determinada situação a afronta, a humilhação, é ele próprio que se sente ferido pelo olhar do outro, porque nem sempre quem se sente humilhado sente vergonha – como pode estar no social, palco de todas essas vivências.

Ser exposto ao ridículo é causa de humilhações que podem ficar estigmatizadas. Ser ridicularizado significa afetar um estigma marcante, a vaidade; consequentemente, a fuga da vergonha e das circunstâncias que podem ocasioná-la é cada vez corriqueira, a fim de se “esconder” do desconforto causado pelo social. A humilhação é uma das causas da vergonha, conduzindo o indivíduo ao isolamento e a camuflar as violências sofridas, além de provocar um sentimento de ilegitimidade, conceito retomado mais adiante.

Segundo Gaulejac (2006, p. 18):

A vergonha é um sofrimento social e psíquico particularmente doloroso. [...] a humilhação leva a calar as violências sofridas, a se fechar em si, a cultivar um sentimento de ilegitimidade, a se viver como “um menos que nada”.

A vergonha ocorre na relação entre o indivíduo e a sociedade, quando tal sentimento é guardado para si; e se esse sentimento não for possível de ser elaborado, pode provocar no indivíduo sofrimento, tanto psíquico como social, como, por exemplo: uma pessoa que pede esmolas na rua por necessidade é coberta por insultos de outras que a veem como lixo social.

Francisco, Guilherme e Marcos dão voz a nossa exemplificação, quando abordam esse assunto.

Marcos relatou como se sentiu humilhado, ao ter sua atenção chamada por uma assistente social, por causa das roupas sujas que usava. Disse que não pode “bater de frente” com ela, porque pode até ser preso, já que uma mentira da assistente social valeria mais que mil verdades dele. Assim, teve que abaixar a cabeça e sair, como se a assistente estivesse certa, sem que ela ao menos conhecesse a situação pela qual ele está passando.

Já Francisco conta:

Ah é, né. Ah, coisas da vida, né, não adianta você reagir, falar, querer xingar, você, por mais que não esteja fazendo nada, o errado é você. A gente sempre somos, você sabe, a corda sempre arrebenta para o lado mais fraco [...] Eu já sou mais sossegadão. Eu prefiro fingir que não escutei, sair andando, porque não tem só a casa dele, tem várias casas para pedir, porque ninguém vai negar um prato de comida.

Guilherme:

Não, o pior é que eu não respondo, não tem por que você responder, você já tá precisando da pessoa, você acaba sendo, vamos supor, ignorante ou responder aquela ignorância da pessoa você está sendo pior que ela. Você tá precisando de ajuda, vamos supor, se o ser humano tiver um coração, ele vai te ajudar, se ele não tiver, fazer o quê? Infelizmente, né, espero que um dia ele não vá precisar, esteja na situação que eu estou, ninguém sabe o dia de amanhã, entendeu?

Caso a pessoa não conteste essas colocações – ao seu modo de ver – ofensivas, visando a não perturbar os demais ali presentes, conseqüentemente garantirá o ganho de mais esmolas. Se isso se tornar inaceitável para o próprio sujeito, a raiva que sentira antes, por outrem, será revertida contra seu próprio eu, o qual racionalizará e tomará isso como uma humilhação, culminando em perda da sua autoconfiança.

Nessa perspectiva, ao procurar compreender a vergonha, é necessário utilizar mecanismos já delineados, como a repressão e o recalçamento, visto que a vergonha e a moralidade são consideradas forças recalçadoras, pois são elas que irão – em um estado consciente – adicionar lembranças de desprazer na união entre lembranças de experiências passivas e de prazer, resultando no recalçamento. Assim, a vergonha emprega um mecanismo semelhante ao da repressão, de sorte que podemos verificar que

[...] a mente humana se torna sensível, em estados de repressão, a qualquer aproximação do que foi reprimido, e como até mesmo leves semelhanças bastam para que por trás da força repressora, e por meio dela, o reprimido venha a emergir. (FREUD, 1907[1906], p. 40).

Há certa semelhança entre o mecanismo da vergonha e o da repressão, porque atos ou fatos marcantes que foram reprimidos podem ser re-vividos a qualquer momento, no cotidiano. Por exemplo: a humilhação que causa a vergonha e que anteriormente fora reprimida pode ser aflorada por qualquer outro ato que remeta à origem, levando em conta que o indivíduo está inserido em um grupo (sociedade), pré-condição para a interação entre seus membros.

A vergonha é, portanto, o encontro do indivíduo entre conflitos passados estigmatizados perante uma situação de possível re-vivência de tais fatos marcantes, que podem causar uma espécie de confusão psíquica e social. Ela é um elemento que neutraliza a subjetividade, para que o indivíduo suporte sua realidade objetiva dolorosa e aflitiva, compondo-se de vários elementos, como a raiva, a culpa, a agressividade, o medo.

As interligações de algumas questões afetivas, sexuais, emocionais e sociais produzem entrelaçamentos, como a angústia, os desejos, os afetos e os sentimentos, que poderão neutralizar a expressão e a comunicação, prendendo de tal modo o sujeito a conflitos psicológicos internos, que contaminam a expressão da vergonha.

Pretendemos, na sequência, compreender as múltiplas facetas da vergonha, com base na análise da complexa situação que o indivíduo vivencia, em um processo de precariedade, assim como as decorrências dessas circunstâncias.

Características comuns do sentimento de vergonha

Nesta parte da pesquisa, foi elaborado um estudo sobre a diversidade de elementos que emergem no sentimento da vergonha e analisadas as características mais comuns desse sentimento, segundo as vivências dos trecheiros.

É nesse sentido que Gaulejac (2006) destaca algumas características comuns do sentimento da vergonha, tais como a ilegitimidade, a inferioridade, a decadência, o dilaceramento e a inibição, as quais se encaixam em nosso estudo.

A característica da “ilegitimidade” se revela quando a existência do sujeito é negada, tanto na situação em que a criança não foi desejada, como quando há dúvidas de sua origem, ou mesmo quando ela não ocupa uma posição familiar correspondente àquela que deveria ocupar. O sujeito passa a ocupar uma posição negativa, “sede de toda rejeição”.

Marcos:

Isso aí você é a toda hora (não é pessoas igual a você que está vindo de boa educação e que tá aí fazendo esse trabalho aí, mas vai em uma outra pessoa aí vê se ele te dá atenção...). Eles te ignoram, cara, ô, se ignora, ignora. Você pode observar até dentro do ônibus, ali agora na hora que eu entrar: se a pessoa que tiver na poltrona do lado do cara, ela vai pro outro lado do cara, não! Ela procura se retirar, aquilo ali ela tá ignorando a pessoa, não tá?

Rodrigo:

Rapaz... é complicado... tem gente que passa pelo ocê e finge que a gente nem tá ali ou, às vezes, dá só pra gente sair logo de perto. É por isso que a gente bebe de vez, fica mais fácil, a bebida ajuda nessas horas. É fácil você conseguir pinga, se tem alguém tomando uma no bar e você vai e pede, ele dá.

Guilherme:

Nossa, tem muito! Isso é o que mais tem, preconceito tem. Aí têm aquelas pessoas que compreendem e aquelas que não compreendem, são as fracas de espírito, não são solidárias, de chegar ao ponto de: “Ops, por favor, tô com fome, você poderia me comprar um salgado, me dar um prato de comida?” – e a pessoa tem mas não te dá, vira as costas, finge que não ouve, a gente se passa como transparente.

Sente uma certa mágoa, né, assim... queira ou não queira, o pior da pessoa é o desprezo, o desprezo é doído, falar com a pessoa e você não ser correspondido, todos somos seres humanos, quando morrem, vão tudo pro mesmo lugar, vai feder, vai derreter, os bichos vão comer, né.

Ah, é terrível, né. É igual essa parte de você ser, ser humilhado e ignorado, ser transparente e você chegar na pessoa: “Boa tarde, minha senhora”. Aí a pessoa às vezes até já pressente que você vai pedir, porque eu gosto de conversar com a pessoa olho no olho, a pessoa parece que pressente, né: “Ah, num tenho nada não”. As vezes você nem vai, vai perguntar a hora, entendeu? “Por favor meu senhor...” – mas daí não dá nem tempo de falar que horas são, aí ele já vira as costas, não tem nada não ou então: “Já acabei de ajudar aquele que passou, entendeu?” Aí você fala: “Putá vida, esse é fraco de espírito, mesmo!”

Tipo, tem muitas pessoas que não querem ver, você entendeu? Passa, igual eu falei, às vezes você pergunta à pessoa se teria condição dela te dar uma ajuda e ela finge que não ouve, às vezes faz assim [gestos], vira pra um lado, vira pro outro e você tá ali na frente como se fosse transparente, ele não tá te vendo, como uma alma perdida.

Notamos o descontentamento dessas pessoas, quando são ignoradas: sua identidade, sua história, sua procedência são subjugadas e negadas, em determinados momentos. As pessoas preferem não dividir o mesmo ambiente, a presença dos trecheiros incomoda a sociedade, a ponto de se ter que fingir que eles não existem ou torná-los “transparentes”. Essa postura defensiva de rejeição adotada pela sociedade pode ser uma das causas ou re-vivência da vergonha nos trecheiros, na medida em que são alvos do descaso social, em geral.

Na “inferioridade”, a vergonha advém do sentimento de diferença perante os outros: ser o menor, mais pobre, mais infeliz, mais imperfeito, remete ao desejo de ser o maior, mais rico, mais feliz, mais perfeito. Desse modo, a inferioridade contrasta com a superioridade, a qual é impedida de se concretizar pelo princípio da realidade. Podemos até nos referir aqui a

um outro sentimento, a inveja. Contudo, a inveja se dá quando nos autorizamos a almejar algo do outro, mesmo que, para isso, algo de ruim tenha que lhe acontecer; já na inferioridade, o indivíduo não se autoriza possuir o que fantasia ser o melhor. Ele só faz lamentar sua posição, sente-se humilhado com isso.

O termo *humilhação* tem sua raiz etimológica – referente ao latim – assemelhada à palavra *humildade*, a qual está relacionada à consciência de que sempre se está abaixo de um ideal, em outras palavras, em um estado de inferioridade, de rebaixamento.

Marcos:

Vamos supor: no caso, eu tô sentado aqui, todo mundo normal, aí vem um policial aqui e me pede os documentos, olha minhas bolsas e tudo. Por que só de mim e não das outras pessoas, não é verdade? Então eu estou sendo pior do que todos os outros, né. Se eu já tiver arrumadinho, tudo limpinho, uma bolsa nova, um tênis novo, eu não vou estar sendo abordado pela polícia. Só se for o caso de um suspeito, de alguma coisa que aconteceu, não é verdade? É isso aí, cara.

Isso aí é o que eu tô te falando, eu não vou falar para você que por todas as pessoas que eu já pedi recursos, pedi ajuda, mas por algumas pessoas, sim! Até mesmo ali agora, nessa cidade aí, essa cidade aí de... aí, ó, pela assistente social lá, eu fui chegar lá para poder pedir, porque nesse saco aqui [gestos] está uma coberta, né, minha, e uma blusa de frio, né, às vezes tem que dormir na rua e não passar por isso. A mulher me falou: "Isso é jeito de um rapaz chegar no lugar?" Isso aí é uma humilhação, né.

Rafael:

Quantas vezes! Não poder entrar numa lanchonete, estar com uma moeda e não poder ir comprar um... o cara fala: "Sai daqui!" Olha, só porque tem freguês bonito... é duro, não, ir comprar uma coisa e o cara não deixar entrar no bar, a coisa é feia. Esses caras é duro.

Além disso, você vai pedir um emprego, nem na roça dá, o cara olha para você e não dá, pô. Você tem que ter talão de água e luz pra isso e eu vou levar o quê, só se eu levar o chão para ele, uma árvore, é duro. Escola não tenho, não tenho nem o primário, nem o primeiro colegial fiz certo, não tenho, quinta série completa... não é fácil, não. Até quem tem estudo aí tá desempregado aí, imagina eu, que não tenho nem faculdade, não tenho nada, é duro.

Rodrigo:

É complicado, difícil, viu. A gente se sente pra baixo, parece que não tem o mesmo... parece que os outros se veem como melhor que nós, e não é, você sabe, todo mundo é igual na frente de Deus, então, por que isso?

Esses indivíduos são levados a acreditar ser uma parcela situada à margem da sociedade. Já que estão marginalizados, devem, necessariamente, carregar consigo grande

humildade e a consciência de que não correspondem a um ideal social. Estarão sempre aquém ou além do que esperam deles.

Temos uma desvalorização, na qual a vergonha é vinculada à tríade Ideal do eu, Eu Ideal e o Eu, em que o eu não está à altura das exigências do ideal. Isso de alguma forma gerará um sentimento de inferioridade, fazendo com que a parte idealizada do eu se desfaça, provocando um sentimento de desvalorização. Desse modo, o contexto social pode entrar com um agravante desse processo psíquico: um estigma social, como a humilhação pública, pode causar uma acentuação no processo de desvalorização do eu, seguindo os princípios do processo abordado anteriormente.

Já o “dilaceramento” está ligado ao sentimento de vergonha por meio do narcisismo. A vergonha é fruto de contradições das identificações necessárias e impossíveis, em que a mediação entre as imagens parentais não se dá de maneira satisfatória, havendo um antagonismo acentuado (um corte) daquilo que o indivíduo deseja ser e a realidade em que vive. É um conflito alimentado pelo isolamento social, que significa a dificuldade em encontrar seu lugar.

Marcos:

Porque eu, eu abandonei os estudos, porque eu só fiz até o segundo grau, tinha vontade de ter tentado uma faculdade, ter me formado em engenharia mecânica, alguma coisa, mas não tive oportunidade, que eu tive que abandonar os estudos pra seguir minha profissão, né. Porque eu tinha que trabalhar de dia e fazer alguns cursos à noite, como o SENAI (até os certificados estão tudo aqui), então eu tive que escolher e você tá numa empresa, na empresa você trabalha nela da sete às cinco, ela precisa de você para o serviço extraordinário, às vezes vai trabalhar de segunda a segunda, de sete às sete da noite, como você vai para a escola? Aí você escolhe: ou seu emprego ou seu estudo, e se você não tem renda para manter seu estudo? Você tem que abandonar um e eu preferi abandonar o estudo pra seguir minha profissão, por isso pra mim meu trabalho é minha vida. Eu amo o que eu faço, eu não trabalho na solda porque eu dependo para ganhar um dinheiro, não. Eu trabalho na solda porque eu amo ela, eu abandonei muitas coisas, até namorada pra poder seguir, pra poder trabalhar, pra poder me esforçar, aprender, virar um soldador e hoje eu me sinto humilhado de tá passando por essa situação igual eu tô te falado ao cara. E é foda mesmo (você desculpa o vocabulário que eu falei agora, mas que é difícil, é difícil, mesmo, cara). Você ter que chegar e passar por uma situação dessas, aí ... Mas Deus sabe das coisas, tudo na vida do homem tem um, tem um motivo, né, que sirva de experiência, não sei. Vai servir de experiência pra mim contar pra outras pessoas, né. Dá valor a mais nas coisas também, né.

Igor:

Porque não tenho residência fixa. Eu acho uma coisa errada, eu gostaria de ter um ponto fixo para ficar.

É complicado. Se eu tivesse um ponto fixo para mim ficar, eu ia me estabilizar lá e ficar lá.

Ah... preciso de um ponto de apoio, algum lugar que alguém me dê um teto; eu trabalho de pintor também. Daí eu me estabilizo naquele lugar.

É difícil. Você dormir na rodoviária, dormir no chão duro. É difícil.

Marcelo:

Ah... pretendo aí, nem se for para eu me envolver com o “movimento sem terra”, eu arrumar um cantinho aí, pegar essa vida aí. Mas, no final de tudo, tem compensação. Ganhar uma terra aí... plantar, fazer uma casinha, ter uma moradia fixa.

Guilherme:

Ah, é complicado, é vergonhoso, tem hora, né, é vergonhoso, queira ou não queira, entendeu? Você não quer ser dependente, quer andar pelas próprias pernas, entendeu? Falar isso é meu, isso não é meu, e gastar do jeito que eu quero.

Ah, veja bem, eu sou um rapaz novo, já poderia já, né, se tivesse, sei lá, pensado mais, ter passado, hoje mesmo, dá tempo ainda, né, mas é muito difícil, complicado, tem que ter um incentivo, um apoio, você entendeu? Você sozinho não, não consegue nada, assim, né, no meu ponto de vista. A pessoa te encaixar no emprego, você se engatilhar, outra te observando, como é que tá sendo seu dia-a-dia, se realmente compensa ajudar aquela pessoa, entendeu?

Gostaria, todo mundo gostaria. Dá o horário do almoço você vai na panela e come a quantia que você quiser, ah, não dá pra fazer isso, vai lá no mercado e compra e faz, ah, vou tomar um banho agora, vai tomar um banho, vou assistir uma televisão, vou escutar uma música, não precisa vir na rodoviária assistir televisão.

Ah, se tivesse um emprego fixo, né, registrado, já era um voto de confiança, entendeu? Aí alugava um quarto e cozinha com um banheiro, 200, 250 reais já dava. Uma cesta básica para uma pessoa sozinho passa um mês, entendeu? De boa... água e luz não ia gastar muito, vai num móveis usados aí, não precisa mais que uma caminha de solteiro, uma cômoda, põe uma televisãozinha em cima, acabou, você não vai ficar muito em casa mesmo, vai tá trabalhando. Mesma coisa que uma república de estudo, né.

Francisco:

Iih... isso aí é direto! Eles mandam ir trabalhar, mas não dão oportunidade para trabalhar. O que adianta mandar aí trabalhar, mas não dar oportunidade? Aí o cara fala: “Nossa, você é um moço novo ainda, por que você não vai atrás de um serviço?” Como que eu vô caçar um serviço, se eu tô na rua? Se eu tivesse um lugar pra mim ficar e pra eu comer, aí é diferente, né. Mas na rua, dá o horário de almoço, vai correr para onde? Eu mesmo fui para ... para ir trabalhar lá no parque lá, mas as vagas estavam todas preenchidas já. [ruídos]

Percebe-se a dificuldade de conexão entre a realidade vivida e a possibilidade de alcançar algo valorizado socialmente. Falta de apoio e credibilidade, desconfiança e total carência financeira auxiliam na configuração de um público marginalizado que não possui mais nada a perder, na lógica consumista.

Tal característica leva o indivíduo ao isolamento, porque ele nunca sabe o lugar que deve ocupar. Quando tenta ser como os outros, tacham-no de indigno, ao passo que, se aceita sua indignidade, sempre será rejeitado.

A “decadência” é vergonhosa, porque é característica de uma má conduta parental; a criança percebe muito cedo que seus pais não são perfeitos, como sempre havia fantasiado. Dessa maneira, o indivíduo perde a segurança fornecida por essas figuras, no início da vida, as quais lhe forneciam forças.

Sobre isso, Rafael relata que não teve infância: perdeu sua mãe ainda criança e foi criado pela tia, de quem apanhava bastante. Conheceu o pai só com doze anos, contudo, logo em seguida o pai, já doente, morreu. Aos dez anos de idade, já vivia na rua.

Rodrigo, por sua vez, conta:

Olha... minha infância não foi lá muito das boas, não. Não conheci meu pai, a minha mãe me criou sozinha lá no..., a gente era muito pobre, não podia fazer nada, era tudo quietinho, senão apanhava. E logo ela faleceu, eu era novo e logo caí no trecho, ninguém me deixou herança, a gente vivia de aluguel, minha tia me assumiu pra criação, mas ela morreu também. Aí... Ah... então, sei não, difícil né... a gente se sente sem ninguém pra se segurar, fica meio que perdido, né.

Marcelo:

Ah... quando eu era menor, vou falar uma coisa para você, minha relação com minha mãe e com meu pai era muito boa, graças a Deus, muito boa mesmo. O que atrapalhou um pouco nossa relação foi a separação dos dois, né... quando se separou, atrapalhou muito, virou uma bagunça. Meu pai acabou com tudo que nós tínhamos, meu pai sempre trabalhou muito, aposentou como trabalhador, entendeu? Aí sempre foi bom a relação.

Guilherme:

Ah... foi difícil, meu pai era alcoólatra, aí batia na minha mãe, depois ele morreu, aí minha mãe veio para o interior, aí minha mãe faleceu também; a gente não tinha casa própria, não tinha – tipo assim – uma renda, né, e, e, pra se sustentar, daí eu fiquei na rua. Aí eu comecei a usar drogas e cheguei ao ponto de andar muito mal mesmo, entendeu? Aí teve uma época que meu pai decaiu na bebida, por causa que ele ficou desempregado e começou a faltar as coisas dentro de casa e ele não

suportava ver isso, porque ele nunca deixou faltar nada para nós e foi decaindo cada vez mais e chegou ao ponto que...
Aí vim com minha mãe para o interior, aí chegando aqui no interior, ela morreu atropelada. Morreu atropelada com 41 anos.

Francisco:

Ah, não era das melhores, não (*como que era?*) ah, sempre pra rua, não gostava de estudar. Aí meu pai faleceu, minha mãe também e faz desde os doze anos que eu tô andando.

Quando o sujeito percebe cedo demais que os pais não são aquela figura de perfeição que imaginava, essas figuras deixam de ser fontes de segurança e ideais para esse indivíduo.

O sujeito necessita fantasiar situações, para que possa se defender de uma realidade que lhe é muito ofensiva. Ao fazê-lo, começa a acreditar em tais fantasias, tornando difícil o discernimento entre o que é real e o que é fantasia.

Podemos dividir a decadência em duas categorias: a “privada” ou a “pública”. Decadência privada refere-se a um despedaço da autoimagem, deixando surgir ao lado do Eu Ideal uma imagem de um Eu incapaz, impotente. Atinge-se, com isso, o narcisismo, levando o sujeito a perder seu amor próprio. Já a decadência pública evidencia uma vergonha de si mesmo conferida pelo olhar do outro, seguindo uma avaliação negativa, internalizando-a.

Na “inibição”, a vergonha tem suas raízes nas situações de humilhação em que o sujeito se vê incapaz de reagir à afronta. A raiva sentida naquele momento, causada pela situação de violência, a qual não foi expressa perante o agressor, é internalizada. Essa agressão resultante do ato se volta contra o indivíduo e mantém uma ferida aberta, pois o amor-próprio é afetado. Assim, o sujeito teme todas as ocasiões que podem suscitar o retorno daquele sentimento.

Marcos:

A mulher me falou: “Isso é jeito de um rapaz chegar no lugar?” Isso aí é uma humilhação, né. De uma pessoa que estudou para trabalhar com o povo, se comunicar com o povo falar isso aí... é tenso, né. Mas aí, se eu for bater de frente com ela, eu vô tá desacatando uma funcionária pública, é de seis a dois anos de cadeia e aí... então, eu abaixo a cabeça e saio. Não vou discutir, porque vale uma mentira dela, vale por mil verdades minha, você entendeu? Então eu vou debater com uma pessoa dessa. Jamais!

Ué... vou fazer o quê? Eu não posso fazer nada, eu vô brigar com aquela pessoa? Eu vô falar alguma coisa com ela? Pra ela ir me complicar, chamar a polícia, tomar uns tapas ou ser retirado dali... não! Eu tenho que ficar na minha, ficar calado. É dessa maneira aí, cara.

Rafael:

Tem que ficar quieto, né, senão eles já chamam a polícia, já vem pra cima da gente. É discriminado, aí já chama a polícia e fala que a gente tá errado. A gente vai ter o que... eles têm, né, e como a gente mora na rua, né, não tem, aí os “homem” chegam e já chegam catando a gente já.

Rodrigo:

Ó, é difícil aguentar desaforo assim, mas a gente tem que ficar quieto, né, porque do que vale a palavra nossa? Tem que abaixar a cabeça, senão eles chama a polícia e nós se dana, entendeu?

Guilherme:

Não, o pior é que eu não respondo, não tem por que você responder, você já tá precisando da pessoa, você acaba sendo, vamos supor, ignorante ou responder aquela ignorância da pessoa, você está sendo pior que ela. Você tá precisando de ajuda, vamos supor, se o ser humano tiver um coração, ele vai te ajudar, se ele não tiver, fazer o quê? Infelizmente, né, espero que um dia ele não vá precisar, esteja na situação que eu estou, ninguém sabe o dia de amanhã, entendeu?

Francisco:

Ah é, né. Ah, coisas da vida, né, não adianta você reagir, falar, querer xingar, você, por mais que não esteja fazendo nada, o errado é você. A gente sempre somos, você sabe, a corda sempre arrebenta para o lado mais fraco [...] Eu prefiro fingir que não escutei, sair andando, porque não tem só a casa dele, tem várias casas para pedir, porque ninguém vai negar um prato de comida.

Ao reprimir a raiva pelo outro, sentida por uma situação de humilhação, ela irá se voltar contra o próprio sujeito, mantendo uma ferida aberta. Isso faz com que se tenha medo sempre que uma situação evoque tais acontecimentos que ficaram marcados no inconsciente. Esse medo é que iniciará o processo de aparecimento das características fisiológicas da vergonha.

Todavia, a esta altura, podemos encontrar um fator capaz de fazer aflorar no indivíduo um orgulho, o qual o levará a vencer sua inibição. Dessa forma, a vergonha se torna um elemento dinamizador que irá atenuar o desejo de recusa a essa situação, forçando o indivíduo a deixar tal posição.

Marcos:

Então, hoje eu tô numa dificuldade, eu acho que é mais do que justo a Assistência Social desse Brasil todo prestar essa ajuda ao migrante, né, aqui ainda mais que tá com todos os documentos e tá à procura de um trabalho, realmente quer um trabalho, quer mudar de vida, não quer continuar nessa.

Eu não quero não, cara, vou falar uma coisa para você, não existe coisa pior que essa não, tá.

Meu objetivo é esse: arrumar um serviço e tocar minha vida normal. Pô, em dois meses, parece que... que eu não... que esses dois meses parece que eu não sou ninguém, um saco de lixo tá parecendo, um inútil, entendeu?

Marcelo:

E outra coisa, essa vida no dia de hoje, graças a Deus, vou mudar como tava comentando com você agora de pouco, essa vida me ensinou a viver, a lei da sobrevivência. Porque tem pessoas com 50, 60 anos nas costas e não passou o que eu passei na minha vida. E eu, graças a Deus, essa vida me ensinou bastante. Eu, tipo assim, sofri muito em muitos ambientes, muitas cidades, muitas pessoas diferentes. Se Deus quiser, agora, quando eu conseguir meu pedacinho de terra, eu vou saber dar valor.

Tem! Tenho um plano imenso sobre meu futuro. Tô indo agora... porque meu pai mora na capital, né, na Zona Leste de... né, e eu tô descendo lá pra ver esses negócios dos meus documentos, né, entendeu? E meus planos é voltar depois, entendeu?- E entrar numa usina aí. Quero fazer isso, não quero rodar o trecho mais, não. Tô sossegado dessa vida aí.

A própria vida de trecheiro, que muitos dos sujeitos dizem ser sofrida – como se pode averiguar nas falas expostas até aqui – ensina a valorizar cada conquista e a dar valor a aspectos simples de suas vidas, além de ser ela própria – a vida – um motivador para que eles queiram deixá-la ou não.

A partir da apresentação das características relacionadas com o sentimento de vergonha, passamos a compreender esse sentimento como tendo duas naturezas: a reativa e a internalizada. A primeira está pautada numa postura ativa do indivíduo, quando este vê o sentimento como um processo de reação perante a situação que o desconforta. É quando o olhar do outro lhe confere indignidade, e este se mobiliza para recuperá-la. Assim, a humilhação é vivida como uma agressão. Já a segunda se pauta numa postura mais passiva, em que o sentimento de vergonha irá se fixar no aparelho psíquico do indivíduo. O ato em si pode até ser esquecido, no entanto, a humilhação advinda dele sempre estará presente, destruindo toda possibilidade de reação. A incapacidade de exprimir sua agressividade em face de um ato de violência causará a internalização da indignidade.

Os diferentes tipos de vergonha

Coube a esta parte do trabalho compreender, apontar e analisar as diferentes formas de vergonha na vivência cotidiana dos trecheiros.

Ao considerarmos que a vergonha pode revelar muito daquilo que nós somos, ao invés de esconder aquilo que sentimos, a pessoa terá toda sua subjetividade, sua intimidade, suas crenças e seus valores passando por suas relações, sua família, sua cultura, até a sociedade em que vive, afetados por esse sentimento.

Podemos, portanto, identificar e buscar a compreensão das diferentes formas de vergonha, como apontado por Gaulejac (2006), que pudemos averiguar na vivência cotidiana dos trecheiros, tais como: vergonha corporal, vergonha psíquica, vergonha moral, vergonha social e vergonha ontológica.

Vergonha “corporal” é aquela relacionada ao corpo, como o próprio nome já remete. Estar malvestido, não cheirar bem, viver sujo. Quando esse tipo de característica nos faz destoar dos outros, isso leva a sermos observados.

Marcos:

Isso aí é só questão de você tá no local certo e na hora certa, né, quando eles tiver testando ali, né, contratando as pessoas, fazendo admissão ali e você chegar ali e não tá desse jeito que eu tô aqui, porque quem vai dá um trabalho pra um cara que tá vindo pela BR, todo assim sujo...

Ah... sei lá, é uma apresentação, né, você tá com uma barba feito, você tá limpo, essa aí é uma questão que normalmente as pessoas... se você tá trabalhando, executando uma tarefa, você tando sujo, tudo bem, mas se tiver executando uma tarefa, mas se você não tá fazendo, o que justifica de você tá sujo, tá barbudo é você tá nas drogas, é você tá na bebida, é isso, não tem outra justificativa. Eu vejo assim e eu sou um cara que eu penso muito no que as pessoas tão... da maneira que elas me olham, né, olham outras pessoas, os companheiros.

Rafael:

Ah! Já senti assim, por causa de assim dizer, de nem eu suportar meu cheiro, entendeu? Agora, imagina as pessoas. Mas por quê? Porque não tem um lugar de tomar um banho. Tem, tem albergue aí que é só três dias, então, leva você pra lá e você pra cá igual lança também, entendeu? Então não existe isso aí. Eu acho que tem que ajudar, se tem, se tem um negócio [encaminhamentos] tem que ter um ramo de serviços, agora, não pra ficar perambulando aí, manda pra lá, daqui já manda você pra lá.

Rodrigo:

Oooo, se tem, ó... tem vez que nem eu aguento meu cheiro, imagina os outros. Mas vai fazer o que, tem albergue aí que você só pode ficar um dia, e aí... e não pode entrar com bebida lá, senão já viu...

Ah, preconceito, né. Só porque a gente anda assim, não quer dizer que a gente é bandido, a gente trampa, só não tem oportunidade, se eu pudesse arrumar um lugar pra mim, nossa!

Olha... ó... vô te falar um negócio... isso aí é todo dia, é complicado você pedir, ter que andar sujo e as pessoas olhar torto pra você, isso aí é uma humilhação, a gente é gente também, é até por isso que eu nem entro na cidade, a gente fica nas BR, mas tem que entrar, porque a gente depende da bondade das pessoas, entendeu? E é assim, a vida segue.

Guilherme:

Já! Já passei, quando eu estava entregue às drogas, eu, o famoso “corotinho” né, entendeu? Aí foi aonde eu me senti mal, aí eu me senti mal, tava pior, né, na situação que eu tava, e a pessoa vendo você mais apresentável assim, ela vai te ajudar, um favor, ele não tá bêbado, esse aí não tá bêbado. Agora, a pessoa chegar bêbada com aquele bafo de pinga, barbudo, tudo sujo, entendeu? Não tem como a pessoa... a pessoa não dá nem atenção. Agora, você chegou à tarde tal, senta do lado, conversa, a pessoa vai... é até agradável a pessoa conversar, tem umas que ignoram, entendeu.

A vida de trecheiro lhes confere características em seus corpos, suas imagens, que os destoam das pessoas “normais”.

O corpo do sujeito vai ao encontro do conceito de corpo proposto por Kehl (2003), no livro *O Homem Máquina*, em que a autora aborda uma dimensão em que o corpo é uma espécie de objeto social:

Ao contrário da concepção de corpo como propriedade privada de cada um, afirmo que nosso corpo nos pertence muito menos do que costumamos imaginar. Ele pertence ao universo simbólico que habitamos, pertence ao Outro; o corpo é formado pela linguagem e depende do lugar social que lhe é atribuído para se constituir. (p. 243).

Nosso corpo é reflexo do meio em que vivemos: do grupo de que fazemos parte, da cultura que dividimos. É, assim, uma imagem atribuída de significados pelos outros, a qual está suscetível a interpretações e a julgamentos, que podem ou não nos gerar marcas.

Kehl (2003) dá um exemplo, que externa seu espanto, ao ser abordada por um “mendigo”, na rua: diz-se surpreendida, quando o mesmo lhe pede as horas do dia e não menciona nada sobre um – “já esperado” – pedido de dinheiro. Isso, para ela, significa uma forma de o “mendigo” se enquadrar na sociedade contemporânea, um jeito de ser tratado de

igual para igual. Não se sentir humilhado, mesmo que suas roupas, seu corpo, sua aparência digam o contrário.

Marcos enfatiza sua preocupação com o que os outros vão pensar dele, por estar vestido de determinada forma:

Eu vejo assim e eu sou um cara que eu penso muito no que as pessoas tão... da maneira que elas me olham, né, olham outras pessoas, os companheiros. E é até uma maneira [ruídos do ambiente] até eu se fosse eu empresário, dono de alguma coisa aí: chegar um cara limpo e um sujo, minha preferência seria a do cara limpo, independente se aquele que tivesse, se um tivesse mais experiência de trabalho do que o outro.

Guilherme também aborda essa questão de querer ser tratado de igual para igual, ao expor:

Aí a pessoa às vezes até já pressente que você vai pedir, porque eu gosto de conversar com a pessoa olho no olho, a pessoa parece que pressente né: “Ah, num tenho nada não”. Às vezes você nem vai, vai perguntar a hora, entendeu? “Por favor, meu senhor...” mas daí não dá nem tempo de falar que horas são, aí ele já vira as costas, não tem nada não ou então: “Já acabei de ajudar aquele que passou, entendeu?”

Contudo, a aparência que diz o contrário é interpretada por nós, dada pelo padrão capitalista. O que é para aquela pessoa se trajar desse jeito, quais as implicações disso?

Trata-se aqui das necessidades impostas por um modo de vida, não só compartilhado pelos trecheiros, mas também forçado pelas demandas e anseios de nossa sociedade líquida.

Podemos dizer que a imagem do “mendigo” se choca com o padrão proposto pela *Sociedade do Espetáculo* (1997), no entanto, tal figura está muito bem delineada dentro desse contexto: eles são o produto do uso desse padrão consumista – como sustenta Bauman (2006) – o lixo resultante desse modelo.

Kehl (2003) expande tal discussão para o contexto social, onde o corpo do próprio homem é alvo dos valores de outros homens.

Ainda que esse valor seja uma fantasia, moeda falsa que só opera no campo das trocas imaginárias; ainda que esse corpo negro e pobre continue marginalizado do campo das trocas simbólicas, do mercado de trabalho, da cidadania, sujeito a perder a vida num confronto fútil com a polícia ou numa briga com alguém tão marginalizado quanto ele. Ainda assim, a um corpo investido de um novo discurso corresponde um outro *eu*. (KEHL, 2003, p. 246).

A imagem que passamos de nós, do nosso corpo, está cheia de significados e valores sociais. Kehl (2003, p. 247) ressalta: “Cada cultura produz o corpo que lhe convém”, dessa forma “o corpo de um homem está todo impregnado do Outro.”

Com isso, o tempo vital foi substituído pelo tempo social, ou seja, nunca fomos tão capazes de controlar nosso corpo e seu ritmo, a fim de um julgamento alheio, o que poderá facilitar evocarmos marcas que resultarão no sentimento de vergonha.

A vergonha “psíquica” tem a ver com narcisismo, isto é, a perda da autoestima, do amor próprio, em que o indivíduo se sente depreciado, odiando a si próprio. Não há necessariamente a obrigação de punição, mas uma desvalorização do eu em relação ao seu Ideal. O eu já não é mais digno de seu Ideal. É o que Gaulejac (2006) chama de *desmoronamento interior*. Isso talvez nos explique a relação entre vergonha e depressão.

[...] abre-se toda uma problemática em relação à auto-estima e às formas que um sujeito tem de preservá-la, seja pelo narcisismo primário, seja pelas relações objetais que possa manter ao longo da vida e pelas conquistas que faz o eu de acordo com o ideal. (HORNSTEIN, 1989, p. 159).

Ao passo que inserimos um ideal em nossa vida psíquica, estamos aumentando as expectativas com respeito ao eu, dependendo a própria autoestima dos traços egoicos, de modo que, segundo Hornstein (1989), correspondendo à “[...] adequação das distintas funções egóicas” e de como o próprio eu fará sua representação no cotidiano.

Marcos:

[...] meu dinheiro foi todo embora e dali pra cá já têm dois meses que eu estou desempregado à procura de trabalho e não tô conseguindo nada, porque normalmente tem que parar em albergue, ficar em rua, ficar pedindo ajuda aos outros, isso aí pra mim é vergonhoso, um cara cheio de saúde, né, com esse problema aí asmático meu aí, uma pneumonia mal curada, não é uma doença, né. Então, pra mim é vergonhoso, um cara com 31 anos tá tendo que ficar pedindo passagem, passagem de 30 reais 20 reais, sempre, sempre, sempre tive todas as minhas coisas.

Rodrigo:

É complicado, difícil, viu. A gente se sente pra baixo, parece que não tem o mesmo... parece que os outros se veem como melhor que nós, e não é, você sabe, todo mundo é igual na frente de Deus, então por que isso?

Francisco:

Ah... já acostumou, né. Você olha assim na pessoa, você vê que eles têm preconceito. Mas tanto tempo já na rua, você acaba se acostumando, não tem outro jeito.

Os constantes julgamentos e descaso da sociedade para com esse público fazem com que acreditem que é assim mesmo, que é mais fácil se acostumar com uma posição de inferioridade e à margem, processo o qual, conseqüentemente, trará implicações a sua autoestima.

A autoestima é entendida, por conseguinte, como um conjunto de fatores que englobam os restos do narcisismo primário, da imagem que o eu tem em comparação com seu ideal e pelas relações objetais.

A vergonha “moral” alude a uma internalização das normas e do ideal que remete o indivíduo a possuir uma “ideia de si mesmo”; quando este é surpreendido infringindo tais regras, teremos uma questão de indignidade, desonra. Por exemplo: quando ele não suporta uma situação em que se comportou de maneira covarde, isso o leva a questionamentos próprios e torturantes sobre sua transgressão. Há sempre um olhar de desconfiança.

Marcos:

Ah, isso aí a gente sente todo dia, né, porque eu não, eu não sou acostumado com rua, agora quem já se acostumou, já se entregou para rua, já perdeu o brilho do rosto, o caráter, pra ele é fácil. Ele já não tem mais que trabalhar, ele não se preocupa mais com nada, pra ele, o que interessa pra ele é o alcoolismo, as drogas, né. E ali deu vontade de comer, ele vai num lugar e pede, deu vontade de beber, ele pede a um, deu vontade de fumar, ele pede a outro, deu sono, ele cai e dorme por ali... eu não tenho coragem de fazer isso. Ah, eu não tenho muito... o meu vocabulário, eu acho que ele é muito pequeno para mim poder pedir, entendeu? Às vezes eu passo fome, peço na última consequência mesmo, quando já tá no final mesmo, aí é que eu chego e peço alguma coisa. Mas nunca peço dinheiro, sempre peço alguma coisa pra poder comer, né, pra pessoa não imaginar que eu vô pegar aquele dinheiro pra usar droga, por isso que eu venho no serviço de assistente social, porque eu tenho três anos que eu trabalho de carteira assinada, né. Ah, nem que eu quisesse fazer, o que eu não quero fazer é isso aí, ó, pedir, entendeu? Às vezes beber, e às vezes tô bebendo pra poder ver se... pra esquecer os problemas, mas não esquece, depois ele vem e vem pior, entendeu? Esquece aquele momento que você chapa ali, fica alcoolizado, dorme, mas você acorda e a realidade é aquela ali mesmo. Você tem que correr, você tem que andar, você tem que ir atrás e eu tô nesse objetivo aí, cara.

Igor:

Ah! Várias vezes, meu caro. Porque a gente tem um brilho, né, na cara, né, entendeu? Eu só peço uma coisa quando eu tenho necessidade. Ah, meu caro, é a vergonha mesmo. É complicado pedir mesmo. Não é que é complicado, a gente, pelo menos eu, só peço em necessidade. Se eu pedir

para você... tipo, agora eu pedi para um cara: “Senhor, o senhor não paga um suco para mim?” Ele falou: “Pronto, toma o suco aí”. Agora eu não vô pedi outro suco.

Ah, meu caro, desde a infância, né, da família, né. Minha mãe trabalhou 40 anos no cemitério, lavando túmulo para sustentar nós, entendeu? Minha mãe tá com Mal de Alzheimer, agora.

Guilherme:

Ah, é complicado, é vergonhoso tem hora, né, é vergonhoso, queira ou não queira, entendeu? Você não quer ser dependente, quer andar pelas próprias pernas, entendeu? Falar isso é meu, isso não é meu, e gastar do jeito que eu quero.

Ah, já teve, umas propostas meio indecentes aí, mas... entendeu? Tem bastante à noite. [risos] Você entendeu, né, tem bastante, viu? Mas eu, igual eu falo, não tenho preconceito, porque eu também, do jeito que eu tô, não vou incomodar ninguém, cada um tem o seu livre arbítrio.

A necessidade de ter que fazer aquilo que não quer ou ser forçado a algo acaba acarretando consequências à integridade da pessoa – foi o que verificamos, nas passagens anteriores. O “romper” suas próprias leis é uma questão delicada e, ao mesmo tempo, necessária na vida desses sujeitos.

Esse tipo de vergonha advém de princípios morais introjetados, percebendo-se, nas falas, um excesso de policiamento e respeito que passaram a ser seus algozes. O indivíduo tem medo de si mesmo, de se conduzir mal, ser rejeitado, ser julgado, ser pecador.

A vergonha “social” relaciona-se com a identidade do indivíduo e os possíveis estigmas ligados a esse sentimento. Sua raça, cor, religião, classe social: emerge o domínio do simbólico, a imagem própria no olhar do outro causando uma espécie de obliteração. A vergonha está associada ao sentimento de invasão e humilhação pública, além de encontrar no poder um atenuante desses elementos. Esse tipo de vergonha irá caracterizar as “[...] violências humilhantes que dominam as relações sociais”.

Quando mencionamos estigmas, estamos querendo nos referir a alguns atributos que, em nosso caso, um indivíduo carrega, pleno de valores negativos ou pejorativos. Por exemplo: ser negro na época do “apartheid” determina ao indivíduo sua exclusão. Consequentemente, sua identidade irá incorporar essa marca correspondente a um valor social, auxiliando na construção de sua autoimagem e autoestima.

Marcos:

Não tô nesse mundo aí por causa de droga e bebida. Tô nessa dificuldade por causa de emprego, né, e oportunidade, aí você chega aí numa cidade, aqui não tem albergue, minha profissão é soldado, uma profissão boa, só que se

eu ficar dormindo na rua, ninguém vai me dar uma oportunidade. Vai me olhar como um o quê, um drogado e um alcoólatra, né.

O que passa na cabeça deles é que a gente vai pedir, vai roubar, vai fazer o mal a alguém, não é verdade... Às vezes, têm uns que dá alguma ajuda com medo, né, tá com medo e se sente oprimido, aí dá.

Você ser abordado por polícia, entendeu, é doloroso, né, pra uma pessoa que é trabalhador e que toda hora... e a polícia vai tá fazendo ali, ela não tá fazendo aquilo de marcação com o cara nem de sacanagem, ela tá fazendo aquilo ali... pô, como uma prevenção, como uma rotina, é um suspeito, um cara que tá ali sentado ali, num grupinho, dois, três, ou eu sozinho num canto com uma bolsa, eu sou suspeito de tá portando uma droga, uma arma, qualquer coisa. Então, eles estão fazendo o trabalho deles normal.

Rafael:

Só porque a gente chega mal vestido é mendigo, é ladrão.

Ah! Se sente mal, né, vai falar o quê... porque então a gente não é ser humano, tem muita gente que vai na igreja, então pra mim não funciona, pra que vai na igreja então? Porque a igreja ensina a palavra, né. Jesus andou pelo mundo com seus discípulos, até era mendigo então... concorda? Jesus andava de a pé, todo lado, pra lá pra cá, em outros, outros lugares, outros Estados, igual eu venho fazendo. Então, Jesus era mendigo também? Pô, não é assim, entendeu? Tem muito do povo aí que depende até dos parentes para morar, entendeu? Isso que é duro, tem gente que não pensa nisso.

Não é só eu que sou tirado, pode ser várias pessoas, pode ser a classe média [balbucios], a cor mesmo nossa é tirada, principalmente a cor, tem muita gente que é racista. Talvez o cara é moreno e é estudado, têm uns cara branco que não cola com o cara, rola, tem isso, é discriminado. No Brasil eu não sei como que é isso, eu não entendo, sem explicação. E vamos levando a vida aí, né.

Rodrigo:

A assistente social da cidade me destratou, falou que eu era vagabundo e se isso era jeito de um rapaz como eu andar.

Ah... é aquilo que eu falei para você, né, não tem oportunidade, não tem da onde a gente tirar dinheiro do nada. Por exemplo: se eu fosse um empresário aí, também ia ficar meio assim de dar emprego para um cara assim, sujo, que nem tem estudo direito. Minha mãe morreu e eu tinha dez anos, aí eu larguei tudo, fui ajudar minha tia, ela era lavadeira e eu ajudava lá.

Lógico! Você se sente um animal, que tá ali pra, pra, pra... um animal. As pessoas acham que é tudo mendigo, não é, mendigo é “pardal”, vive acomodado na cidade. A gente anda aí no trecho desse mundão, a gente precisa dos outros, a gente pede, né, entendeu? Tem muita gente boa que dá de coração, mas têm outras aí que, vô falá pra você, viu...

Igor:

Porque você não pode ficar mais numa cidade só. Se você ficar numa cidade só, todo mundo vai ficar te olhando, entendeu? Nego acha que você vai roubar, que você vai fazer alguma coisa, né...

Acha que nós somos bandidos, que nós somos isso e aquilo. Tem pessoa que, realmente, é bandido. Mas a maioria não é, a maioria é que fica, assim,

numa cidade. Que nem agora eu to vindo de..., né; passei em..., passei em..., tudo isso aí, só que só andando.

Guilherme:

Não! Cabeí nela, infelizmente. Igual eu falei para você, é difícil ter um serviço registrado, se você não tem endereço fixo, a pessoa, em pessoas que não confiam, né, têm pessoas boas e têm pessoas más, ninguém sabe o coração do...

Eu acho que esse preconceito deve ser devido, não sei se alguma pessoa já um dia fez mal àquela pessoa, da categoria que é, trecheiro, entendeu? Se chegou, já fez mal pra ele, ou tem muitos também, sabe, que a pessoa pede algum dinheiro, entendeu? Às vezes é pra usar droga ou pra beber pinga, às vezes acaba de pedir um dinheiro aqui, a pessoa passa, tá subindo ali em cima, a pessoa tá tomando um gole no bar... “Mas você falou que era pra comer um salgado...” e depois isso e aquilo, é por causa de uns que os outros pagam, entendeu? É por isso que... comida... dinheiro eu não peço pra mim, um salgado, alguma coisa assim eu peço, porque é de comer, né, se a pessoa quiser me acompanhar, eu vou ali e compro.

Ah, é complicado, é vergonhoso tem hora, né, é vergonhoso, queira ou não queira, entendeu? Você não quer ser dependente, quer andar pelas próprias pernas, entendeu? Falar isso é meu, isso não é meu, e gastar do jeito que eu quero.

Ah, veja bem, eu sou um rapaz novo, já poderia já, né, se tivesse, sei lá, pensado mais, ter passado, hoje mesmo, dá tempo ainda, né, mas é muito difícil, complicado, tem que ter um incentivo, um apoio, você entendeu? Você sozinho não, não consegue nada, assim, né, no meu ponto de vista. A pessoa te encaixar no emprego, você se engatilhar, outra te observando, como é que tá sendo seu dia-a-dia, se realmente compensa ajudar aquela pessoa, entendeu?

Ah, tem, né. No caso de você tá andando, por isso que eu já gosto de andar sozinho, eu nunca gostei de... ando no máximo em dois, três, porque às vezes você senta numa praça, alguma coisa, já tem um vizinho que denuncia pra polícia, acha que você tá fumando maconha, ou sempre tem um companheiro do lado que tá tomando uma pinga, entendeu? Sempre quem bebe dá trabalho, aí os policiais vêm: “Onde você mora?” “Ah, eu moro na rua, senhor...” “Então vaza daqui, entendeu, se eu te ver aqui na cidade de novo, você vai tomar um pau”. E como eu perdi meus documentos lá no..., queimaram minha mochila, entendeu?

Francisco:

Ah, fica deselegante, né. Andando na rua tomando enquadro, porque eles vê com bolsa, eles param mesmo. Acho que é preconceito, né. Só porque a gente é trecheiros, eles pensam que a gente não vale nada.

Mendigo, fala: “Olha lá os mendigos”. Coisa que não tem nada a ver. Você pode ver, nós não anda sujo. Mendigo é aquele que anda aí na cidade todo imundão, vira “pardal” da cidade, tá de um lado pro lado. Nós não. Nós gosta de andar. Nós não para, vamo andando, é diferente do mendigo. E pra eles, é tudo igual.

Aqui, a individualidade e personalidade de cada um são omitidas e descartadas antecipadamente. A sociedade julga o indivíduo pelo grupo de que faz parte, sem ao menos conhecer direito esse grupo. Destarte, o indivíduo carrega consigo os “valores” pejorativos do círculo que divide. Sua identidade estará, portanto, carregada de marcas sociais que comporão sua identidade. Evidencia-se, nessa perspectiva, como esse processo influenciará na impregnação de estigmas nessa pessoa, cooperando em um outro processo – o da vergonha.

A todo o momento de nossa vida, estamos sujeitos a esse tipo de marca, e a vergonha é decorrente de uma visão inquisitória de terceiros, por eu ser o que sou e por acreditar nisso ou naquilo.

Por fim, mas não menos importante, a vergonha “ontológica” nos remete à vergonha advinda do inumano: o sujeito é um espectador e não faz parte do grupo dos homens, dos seres humanos.

Marcos:

Falei a verdade, eu tô dependendo de fichar, aí eu fichando eu posso assumir um compromisso em uma pousada aí, para eu poder pagar a hora que eu receber o adiantamento ou... falei com esse cara assim. Aí ficaram assim, falaram pra eu voltar dali cinco dias, aguentei mais cinco dias na rua, aí quando eu voltei falaram que tinham cancelado o fichamento de todo mundo [ruídos] Mentira! O pessoal que tava tudo lá tava fichado [ruídos] [...]
Então, é terrível cara. É assim mesmo.

Sempre contribuí com o governo, com INSS, com desconto de imposto de renda, e outras coisas mais, contribuição normal que você já conhece. Então, hoje eu tô numa dificuldade, eu acho que é mais do que justo a Assistência Social desse Brasil todo prestar essa ajuda ao migrante, né, aqui ainda mais que tá com todos os documentos e tá a procura de um trabalho, realmente quer um trabalho, quer mudar de vida, não quer continuar nessa. Eu não quero não, cara, vou falar uma coisa para você, não existe coisa pior que essa não, tá.

Rodrigo:

Então, se a gente tivesse oportunidade, alguém oferecesse emprego certo, a gente trabalha, não é só vagabundo que tem no trecho, não, têm aqueles mais preguiçosos, sim, mas muita gente boa nesse mundo.

Ah, ó, trabalhar é tudo, né... é o que dignifica o homem, né, se eu tivesse oportunidade, entendeu? Eu queria um trabalho de carteira, eu pedia um adiantamento e alugava um quartinho com banheiro e uma cozinha, só isso, nem ia ficar em casa, ia trabalhar o dia inteiro mesmo, à noite até dava pra arrumar uma namoradas. [risos]

Igor:

É complicado. Se eu tivesse um ponto fixo para mim ficar, eu ia me estabilizar lá e ficar lá.

É o que eu falo, eu quero me estabilizar num lugar, que eu trabalho também de pintor. Arrumar uma casinha e ficar sossegado ali, eu sei cozinhar, sei tudo isso e aquilo, então eu me viro.

Marcelo:

Ah... pretendo aí, nem se for para eu me envolver com o “movimento sem terra”, eu arrumar um cantinho aí, pega essa vida aí. Mas, no final de tudo, tem compensação. Ganhar uma terra aí... plantar, fazer uma casinha, ter uma moradia fixa.

Vou voltar, porque é o seguinte, eu conversei com o pessoal do sem terra lá na região ali, pertence ao Estado de..., não tem nada a ver com o... do... eu fui descendo e por acaso eu conheci o movimento dos sem terra, e o cara lá falou que vai dar um apoio para mim, vai me ajudar a arrumar uma casinha no alojamento aí... fazer meu cadastramento para dar um apoio pra mim e, se Deus quiser, esse ano novo agora quero tá com uma vida nova. Sair do trecho, sair do mundão aí, que em certo ponto a gente cansa, em certos pontos da vida.

Guilherme:

Com certeza, eu queria arrumar um emprego e você não tem um endereço fixo, entendeu? Às vezes você conhece uma menina, como é que você fala para ela: “Ah, eu moro na rua”. Às vezes até se conhece, às vezes até se interessa e tal, mas como você vai chegar e é quando você até evita até aproximar muito, entendeu, se apegar. Às vezes você encontra uma que até quer seguir, aí fala: “Não, para, você tem sua família, tem tudo, não é fácil. Você tá vendo assim: mas eu vejo assim, vocês tem uma vida fácil e trabalha um pouquinho ali, compra um cigarro, pra você não falta nada, sempre come coisa diferente, mas não é fácil. Só quem vive mesmo sabe o que é, quem vê de fora acha... mas essa vida não é fácil, é o dom da sobrevivência”.

Ah, falar pra você que eu não tenho planos pro futuro, não. Só penso na minha velhice, como é que eu vou ficar velhinho desse jeito, né. Queira ou não queira, a rua desgasta com a gente, você não descansa direito, anda, anda, anda pra caramba, o pé dói, cara, tênis, não tem como você andar de tênis, eu gosto de sandália e chinelo, aí chinelo como suja muito o pé quando você está andando, eu gosto de sandália. Mas aí quando chega a noite e você tira a sandália, chega a dar agulhada no peito do pé de tanta dor que dá.

Francisco:

Já! Já tive várias profissões. Fui pedreiro, lá em... eu era monecador⁴ Monecador, trabalhava com salto de sapato.

Ah, é tudo de bom, né. Todo mundo quer ter seu dinheiro. Olha, agora nós, que tá na rua, não sabe se amanhã vai conseguir ganhar alguma coisa ou não. Pra nós é complicado. É que nós já acostumamos já.

⁴⁴ Emprego em fábricas de calçados, cujo trabalho é fixar saltos nas solas dos sapatos feminino e/ou masculino.

Percebemos a vontade desses indivíduos de compartilharem os afazeres do humano; apesar de marginalizados, estão permeados por um modo de vida onde alguns aspectos são valorizados, como, por exemplo, o trabalho. Fica claro, nas falas a cima, o valor que esses sujeitos conferem ao trabalho com carteira assinada, alguns até consideram que esta é a solução para muito de seus problemas, sem se esquecerem de algo mais do humano: a confiança que aparece nos relatos como uma oportunidade.

O trabalho aparece, pois, como sendo uma ponte que ligaria esse público à sociedade e a todos os seus costumes, em que tal público se sentia acolhido e humano propriamente dito.

O indivíduo que não sente fazer parte do grupo de sua própria espécie é apartado, desmembrado de características culturais básicas que o configuram como pessoa; seus valores são postos de lado e, assim, fica à mercê desse sentimento.

Completamos, aqui, nossa compreensão do sentimento da vergonha e suas raízes, tentando abordar aspectos como o desenvolvimento desse sentimento, em detrimento das relações estabelecidas pelo trecheiro com a sociedade, suas características mais comuns e os seus diferentes tipos.

Esperamos, assim, ter alcançado nossa proposta inicial, além de contribuir para uma maior compreensão da vergonha. No entanto, isso não significa que chegamos ao fim de nosso trabalho, nem muito menos ao fim dessas discussões. Seria essa postura dos trecheiros uma espécie de resistência à sociedade consumista? Ou seria esse o caminho correto e/ou inevitável que os governos devem adotar, para as políticas públicas? Ou qual é o principal determinante para a situação do trecheiro: a fragilidade psíquica ou o meio desfavorável em que está inserido?

Questões como estas ganham destaque e nos saltam aos olhos, quando começamos a estudar essa temática. Seria possível, após a discussão realizada até aqui, sintetizar essas questões em um último capítulo? Enfim, podemos afirmar que os trecheiros sentem vergonha?

O resultado final é este: o desenvolvimento econômico não produz simultaneamente desenvolvimento social.

Leonardo Boff

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao trabalharmos com o público nômade – mais especificamente os trecheiros – tivemos a possibilidade de encontrar um linguajar próprio, com características próprias daquele grupo distinto de pessoas, o qual pôde enriquecer nosso trabalho, ou seja, lidamos com uma cultura própria, que, por sua vez, não é valorizada nos meios de comunicação em massa, nem pelo capitalismo, como foi verificado nas falas dos trecheiros, no decorrer de todo o texto.

Partindo dessa compreensão, nosso indivíduo vê sua condição como fonte de humilhação, que poderá estigmatizá-lo e, por conseguinte, envergonhá-lo dessa suposta situação de “derrota”. Nesse sentido, não acreditamos que o estilo de vida do trecheiro signifique uma resistência ao padrão de vida capitalista, haja vista suas preocupações em acompanhar alguns padrões dessa mesma sociedade, como, por exemplo, a demonstração de certa preocupação com a aparência e estética; incômodo sentido quando se senta em um ônibus e percebe que desagrade aos demais, seja pela sua aparência, seja pelo seu odor; a busca por trabalho, para que possa prover sustento e ter possibilidade de re-inserção na sociedade; a vontade de ser reconhecido como pessoa, independentemente do estilo de vida que adote.

Em síntese, por mais que não seja imposto, cremos que esse estilo de vida é algo que restou para esse grupo de pessoas. Por mais que seja uma opção, trata-se de uma opção restrita, dentro de um quadro de poucas possibilidades. Isso pode ser observado quando

Rafael, um trecheiro, relata sobre sua experiência nesse tipo de vida: “A gente dorme na rua aí, ó, tá vivo, tá com saúde graças a Deus, tem neguinho que dorme em colchão e amanhece todo quebrado com pneumonia, gripe e nós não. Nós dorme na rua e tá na saúde e nós toma pinga, hein? Mas não é fácil, não.”

Essa afirmação soa como defesa, uma vontade de sair desse modo de vida, pela necessidade de a pessoa expor isso tão claramente e de forma repetitiva. Aqui, já que ela não tem o conforto de um colchão macio, se resguarda, afirmando que está bem e feliz, mesmo com todas suas dificuldades. Contudo, em outro trecho mais adiante, afirma a sua vontade de ter um emprego, para que pudesse adquirir, além da dignidade que um trabalho traz consigo, alguns “agrados” para si.

Assim, vale mencionar o importante papel que o olhar do outro possui, nesse quadro de elementos que podem incitar o sentimento de vergonha. Além disso, o domínio público é palco de muitas humilhações e, conseqüentemente, estigmas, que podem tornar complexo o trabalho psíquico do indivíduo, na diferenciação do que é fantasia e realidade. Humilhações, sentimento de inferioridade, dedos apontados, olhares desviantes, falta de oportunidade e espaço social, dentre outros já citados, são exemplos que podem fragilizar o indivíduo e dificultar esse complexo sistema de diferenciação entre o que realmente existe e o que realmente se imagina que existe.

Enfim, podemos definir uma das questões iniciais de nosso trabalho: “Sim! O trecheiro sente vergonha”. Seja pela sua aparência, seja pela sua história, seja pelo meio em que está inserido, seja ainda pela sua fragilidade psíquica, dentre outros elementos. Seja pelo que for, cada um constrói do seu modo os determinantes que pautarão esse sentimento incômodo na vida de muitas pessoas, nômade ou não.

Em nosso trabalho, ao tomarmos esse viés, é inevitável abordarmos uma discussão trazida por Gaulejac (2001): estamos interessados no indivíduo como um todo, abdicando de separá-lo do coletivo, da mesma maneira que recusamos a separação do afetivo em relação ao institucional e dos processos inconscientes em face dos processos sociais.

Esse mesmo autor salienta que a Psicossociologia só pode existir numa relação conflituosa entre duas lógicas irreduzíveis. No caso deste trabalho, entre o psíquico e o social. Isso nos conduz, não a escolhermos um lado, como defendido por muitos, mas sim nos situar “[...] num campo de ‘conversas’ com todos aqueles que sofrem do dogmatismo monodisciplinar” (p. 46).

Este trabalho psicossociológico se pauta na relação indivíduo/sociedade e no entendimento de um indivíduo multideterminado, ao mesmo tempo produto e produtor da

história, determinações complexas e de difícil dissociação, embora não equivalentes. Sua existência singular está intimamente ligada ao seu próprio desenvolvimento psíquico, o qual, por sua vez, está inserido e é influenciado pela dinâmica familiar e social, que constitui a cultura, os costumes e os valores de uma determinada época.

Dessa forma, a vergonha se inscreve numa reação social, onde cada indivíduo reage a sua maneira frente a uma situação de humilhação, visto que a vergonha ressoa em nossas raízes inconscientes, em detrimento de nossa estrutura psíquica própria. Todavia, essa mesma vergonha é “[...] indissociável da relação social que confronta o sujeito com as normas do seu meio, com os valores da comunidade à qual pertence”, como frisa Gaulejac (2001, p.38). O autor afirma ainda que o fundamento desse sentimento está no elo que religa cada indivíduo ao seu grupo social.

Assim, a vergonha de uma suposta derrota pode ser proveniente das dificuldades encontradas na vida (violência física), de que é exemplo a fome. Pode também provir do olhar da sociedade (violência simbólica) e pode igualmente advir de desmoronamentos das imagens parentais (violência psicológica). Em decorrência, a vergonha da “derrota” não se resume às dificuldades objetivas da vida, mas se estende às “[...] consequências subjetivas para a psique” (GAULEJAC, 2006, p. 71).

Apoiados em tais explicações, consideramos que, em nosso trabalho, não existe uma instância que se sobreponha à outra, no sentido da determinação do sentimento de vergonha. Tanto o social como o psíquico tecem relações de interdependência, inter-relacionamento e irreducibilidade. Consequentemente, chegamos até a afirmação de Sartre (1979, p.336), que nos auxilia na síntese do que queremos abordar, nesse tipo de sentimento: “A vergonha pura não é o sentimento de ser este ou aquele objeto repreensível, mas de ser um objeto, ou seja, de reconhecer-me neste ser degradado, dependente e congelado que sou para o outro”.

A principal consequência da vergonha não é apenas a vontade que temos de nos esconder perante uma situação social de exposição, em que nos sentimos vulneráveis, mas sim também do constrangimento próprio de não conseguir nos esconder de nós mesmos, após o fato que nos remeteu à nossa “ferida aberta”.

A vergonha tende a fazer o indivíduo levar um determinado modo de vida, o qual muitas vezes não condiz com sua vontade, como, por exemplo, a incapacidade de integração social e afetiva, a desconfiança, a hostilidade. Essa conjuntura o levará a algumas formas de sofrimento.

No entanto, a pessoa vergonhosa procura o isolamento (causa do seu desconforto), ao invés do convívio social, porque o isolamento auxilia no povoamento de seu mundo interior,

com fantasmas e fantasias. Ali, ele nunca será criticado nem mesmo observado com olhares inferiorizantes. E caso isso aconteça – por intermédio de sua imaginação – será suficientemente forte e digno para afrontar as “humilhações”.

Nesse sentido, existe um temor da decadência produzida pela perda e a reivindicação pela dignidade exemplifica esse medo da falta de reconhecimento por parte do outro. Rejeitamos a relação, porque recusamos nos identificar com a incômoda figura do trecheiro, do andarilho e do pardal.

A partir dessas referências que expusemos sobre o sentimento da vergonha, abordamos a compreensão das múltiplas facetas do sentimento em pessoas que vivenciam situações de precariedade, no seu cotidiano.

Aqui se fizeram necessários alguns esclarecimentos a propósito de sua própria conduta, sua história e de suas defesas, já que a complexidade psíquica de hoje revela que quase todos carregam consigo um reserva de vergonha. Essa complexidade age sobre nossas intenções conscientes, permitindo-nos afirmar que – juntamente com muitas outras análises do mundo contemporâneo – vivemos em um estado de “não-liberdade”, que nos posiciona de sobreaviso diante de situações aparentemente inofensivas.

Os primeiros passos do sujeito envergonhado para atenuar esses efeitos é reconhecer-se como tal. O início é marcado por triunfos pequenos, mas que devem ser ressaltados. O contato com o desconforto faz com que aprendamos a lidar com tais situações e a enfrentá-las. Isso deve ser feito de forma paulatina, a longo prazo.

Portanto, o problema é compreender a vergonha, pois não é possível tratá-la com uso de antibióticos: ela é um estigma que nos permeia, no decorrer de nossas vidas e sempre estará lá. Coube a este trabalho auxiliar na compreensão desse sentimento, tão presente hoje e sempre, para que se torne menos difícil o convívio com o próprio sentimento e com pessoas vergonhosas, o que finda com a ajuda da compreensão do convívio social.

Gostaríamos de atentar para uma questão importante na vida dos trecheiros: as políticas públicas adotadas pelos governos. A realização do trabalho de campo possibilitou constatar o descaso do poder público para com os trecheiros, andarilhos e pardais.

Na cidade de Assis-SP, onde foi realizada a pesquisa, existiu há algum tempo um albergue usado pelos trecheiros, seja para higiene pessoal, seja para alimentação, seja para descanso, seja por qualquer outro motivo. Era um espaço destinado a esses seres humanos, um reduto para trocas de informações, um local para encontro e convívio.

Entretanto, hoje esse espaço não existe mais. Os trecheiros são forçados, tanto pela polícia, como pela nova política de fornecimento racional de passagens de ônibus, a circularem entre as cidades e a não se fixarem por muito tempo em determinado município.

Essa política de concessão de passagens pode significar uma tentativa de ajuste social aos padrões contemporâneos, acompanhando o ritmo intenso de movimento pregado pelo modelo consumista. Assim, parece mais cômodo não observar o problema que está “embaixo de nossos narizes”. O problema agora está em movimento e fica mais difícil observá-lo, já que amanhã provavelmente será responsabilidade de outro e assim sucessivamente.

Os próprios trecheiros sentem as dificuldades, ao adotar esse padrão. Mesmo que digam das vantagens de sempre estarem andando, conhecendo gente nova e lugares novos, apontam as dificuldades: o cansaço, a falta de oportunidade, a falta de trabalho, a imposição de dormir desconfortavelmente, os perigos da rua, a insegurança, a comida, dentre inúmeros outros já abordados. Ainda que estejam “esfriando a cabeça”, independentemente da causa, algo ainda os espera, quando tiverem a possibilidade de retornar ao estilo de vida anterior. Mesmo que estejam ali por causa da cachaça ou por qualquer outro motivo, tanto o corpo como a mente sentem certo fraquejo diante desse estilo de vida penoso.

No intuito de complementar nossa discussão, buscamos, em um jornal denominado *O Trecheiro* (editor Alderon Costa), o qual circula mensalmente na cidade de São Paulo, capital, uma importante ferramenta de reflexão. O jornal iniciou suas atividades em 1991 e tem procurado contribuir para a visibilidade das difíceis condições de vida de homens e mulheres em situação de rua e trecho da cidade de São Paulo e de outras cidades brasileiras. Além desse foco principal, o jornal abre espaço aos movimentos sociais que combatem toda forma de exclusão social e lutam por um Brasil melhor.

Ao longo de sua trajetória, os principais temas de suas reportagens têm sido o descaso e a violência institucionais, a ausência de políticas públicas e iniciativas da sociedade civil e do governo para enfrentamento dessas questões.

Ligado a uma rede de filantropia chamada “Rede Rua” e à UNESCO, vem realizando uma série de debates sobre trabalho e geração de renda, oportunidades e limites, perspectivas das políticas públicas e diferentes alternativas, como Economia Solidária, Cooperativismo, CLT, informalidade e a responsabilidade do poder público para com os nômades.

Com tais subsídios, encontramos amparo para tecer nossa crítica às políticas públicas que vêm tirando cada vez mais o espaço, na sociedade dos trecheiros, marginalizando-os cada vez mais. O espaço dos albergues pode ser bem aproveitado e importante na reinserção dos trecheiros que têm vontade de retornar ao convívio social padrão. O uso de oficinas,

atividades terapêuticas, ocupacionais, recreação e mesmo de educação podem significar uma preocupação com as causas humanas.

Uma das matérias encontradas em *O Trecheiro*, edição de dezembro de 2009, número 184, ano XIX, endossa nosso ponto de vista. O jornal conta a história de um artista que, após o auge de sua carreira, tendo chegado a expor na bienal de São Paulo e em outros países, acabou se envolvendo com drogas e bebida, e viu seu mundo desmoronar. Deixou para trás tudo o que havia conseguido até ali, enveredando-se pela vida nômade.

Hoje, ele encontrou no albergue Pousada da Esperança, em Santo Amaro, zona sul de São Paulo, um espaço para sua recuperação e planejamento do futuro. O talentoso pintor de quadros tem grande parte de suas obras exposta nas paredes do albergue, ainda tenta se estruturar após sua vida nas ruas e no trecho, com planos de montar uma escola de pintura e continuar pintando letreiros.⁵ O tempo no albergue fez com que o pintor pudesse acreditar e ter esperança, mesmo nos momentos mais difíceis.

Aqui podem estar delineadas inúmeras possibilidades de trabalho e discussões sobre a temática, não sendo necessário optar por uma ou outra atitude frente a determinado problema, mas fazer uma complementação das possibilidades. Não basta fechar os olhos para o problema e esperá-lo desaparecer de nossa frente, pois esse mesmo problema aparecerá em outro lugar, com a mesma ou até com maior intensidade.

É preciso entender o problema, para que assim possa ser discutido de forma democrática e igualitária. Somos todos seres humanos e, por isso, lutamos pela causa do próximo, por seus direitos e deveres, mesmo que essas causas não sejam vistas por muitos como nobres.

Por fim, devemos sempre estar atentos a uma recomendação das Ciências Sociais, em não generalizar nossas conclusões, lembrando que “cada caso é um caso”: o seu ou o meu caso.

⁵ Matéria retirada do jornal *O Trecheiro*, intitulada “Vida no trecho: um fio de esperança”, do número 184, na edição *on-line* de dezembro de 2009.

REFERÊNCIAS

ANOLLI, L. *A vergonha*. São Paulo: Loyola, 2003.

ARAÚJO, U. F. Ética Docente: vergonha e humilhação. *Revista profissão docente (on-line)*. Uberaba, vol. 1, nº 1, fevereiro/2001.

_____. *O sentimento de vergonha como um regulador moral*. 1998. Tese (Doutorado em Psicologia) – IP/USP, São Paulo, 1998.

BAUMAN, Z. *Vida Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

_____. *A Sociedade Individualizada: vidas contadas e histórias vividas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

BIRMAN, J. *Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

_____. *Arquivos do mal-estar e da resistência*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

BLEGER, J. *Temas em Psicologia: entrevistas e grupos*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

BOFF, L. *Ecologia: grito da terra, grito dos pobres*. 2 ed. São Paulo: Ática, 1996.

BOURDIEU, P. O camponês e seu corpo. *Rev. Sociol. Polit.* Curitiba, nº 26, jun/2006, p. 83-92.

CALLIGARIS, C. Dois Tipos de Vergonha (Moralidade 2). *Folha de São Paulo*, São Paulo, 09 fev. 2006. Caderno Ilustrada.

CARRETEIRO, T. C. Sofrimentos sociais em debate. *Psicologia USP*. São Paulo, v. 3, nº 14, p. 57-72, 2003.

CASTEL, R. La guerre à la pauvreté: le statut de l'indigence dans une société d'abondance. *Actes de la recherche en sciences sociales*. Paris: États-Unis, (1978) 1995.

COSTA, A. Vida no trecho: um fio de esperança. *O Trecheiro*. São Paulo, 05 de dez. 2009, nº 184. Vida no Trecho.

DÉBORD, G. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DE LA TAILLE, Y. *Vergonha, a ferida moral*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002a.

_____. O sentimento da vergonha e suas relações com a moralidade. *Psicologia: reflexão e crítica*. São Paulo, v. 1, nº 15, p. 13-25, 2002b.

ENRIQUEZ, E. *Perda do trabalho, perda da identidade*. Conferência proferida durante o Seminário Trabalho e Existência, promovida pela Escola do Legislativo, IRT – Instituto de Relações e Trabalho – e Instituto Jacques Maritain, da PUC/Minas, em 13/11/1997. Palestra publicada originalmente em CARVALHO NETO, Antônio; NABUCO, Maria Regina (Org.). *Relações de Trabalho Contemporâneas*. Belo Horizonte: IRT, PUC/Minas, 1999, p.69-83.

ESPERANDIO, M. R. G. Narcisismo reativo e experiência religiosa contemporânea: culpa substituída pela vergonha? *Psicologia e sociedade*. São Paulo, v. 2, nº 19, p. 89-94, 2007.

FERRAZ, J. S. *Tímidos e angustiados*. Limeira: Letras da Província, 1966.

FERREIRA, A. B. H. *Minidicionário da língua portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

FREUD, S. *A Gradiva de Jensen*. Rio de Janeiro: Imago, (1907[1906]) 1996. Vol. IX.

_____. *O mal-estar na civilização*. Rio de Janeiro: Imago, (1930) 1996. Vol. XXI.

FUKS, M. P. Mal estar na contemporaneidade e patologias decorrentes. *Psicanálise e Universidade*. São Paulo, nº 9 e 10, p. 63-78, jul/dez 1998 – jan/jun 1999.

GAULEJAC, V. *As origens da vergonha*. São Paulo: Via Lettera, 2006.

_____. Psicossociologia e sociologia clínica. In: ARAÚJO, J. N. G.; CARRETEIRO, T. C. (Org.) *Cenários sociais e abordagem clínica*. São Paulo: Escuta; Belo Horizonte: Fumec, 2001.

GESSINGER, H.; GALVÃO, P. *Dom Quixote*. In: ENGENHEIROS DO HAWAII. *Acústico MTV*. São Paulo: Universal Music Group, 2004. Compact Disc, faixa 7, 3min 40s.

HARKOT-DE-LA-TAILLE, E. *Ensaio semiótico sobre a vergonha*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 1999.

HARTENBERG, P. *Les timides et la timidité*. Paris: F. Alcan, 1901.

- HASHIMOTO, F. *Vivências de perdas em uma empresa familiar*. 2005. Tese (Livre-docência) – Faculdade de Ciências e Letras de Assis – Universidade Estadual Paulista, Assis, 2005.
- HORNSTEIN, L. *Introdução à psicanálise*. São Paulo: Escuta, 1989.
- KEHL, M. R. As máquinas falantes. In: NOVAES, A. (Org.). *O homem máquina: a ciência manipula o homem*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- LASCH, C. *A cultura do narcisismo: a cultura americana numa era de esperanças e declínio*. Rio de Janeiro: Imago, 1983.
- LISPECTOR, C. *Aprendendo a viver*. Rio de Janeiro: Rocco, 2004.
- MAFESOLLI, M. *Sobre o nomadismo: vagabundagens pós-modernas*. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- MARKWAY, B. G.; CARMIN, C. N.; POLLARD, C. A.; FLYNN, T. *Morrendo de vergonha: um guia para tímidos e angustiados*. São Paulo: Summus, 1999.
- MAUTNER, A. V. Vergonha. *Psicologia USP*. São Paulo, v. 2, nº 14, p. 225-229, 2003.
- NASCIMENTO, E. C. *Nomadismos contemporâneos: um estudo sobre errantes trecheiros*. São Paulo: Editora UNESP, 2008.
- NERUDA, P. *Livro das perguntas*. Porto Alegre: L & PM, 2004.
- NIETZSCHE, F. *Vontade de potência*. Parte 1. São Paulo: Escala, s/d.
- PELLEGRINO, H. Pacto Edípico e Pacto Social. In: PY, L. A. e outros (Org.) *Grupo sobre grupo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.
- PRUST, L. W.; GOMIDE, P. I. C. Relação entre comportamento moral dos pais e dos filhos adolescentes. *Estudos de psicologia [on line]*. Campinas, v. 24, nº 1, p. 53-60, 2007.
- SARTRE, J. -P. *L'être et le néant, essai d'ontologie phénoménologique*. Paris: Gillimard, 1979 (Col. Tel).
- VERZTMAN, J. Vergonha, honra e contemporaneidade. *Pulsional - revista de psicanálise*. Vol. VIII, nº 181, p. 88-100, 2005.

ANEXOS